Só quero

FARINHA NESTLÉ

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

LOBITO

Ligações da Katanga com a Europa

A mais curta estrada para a Africa Central

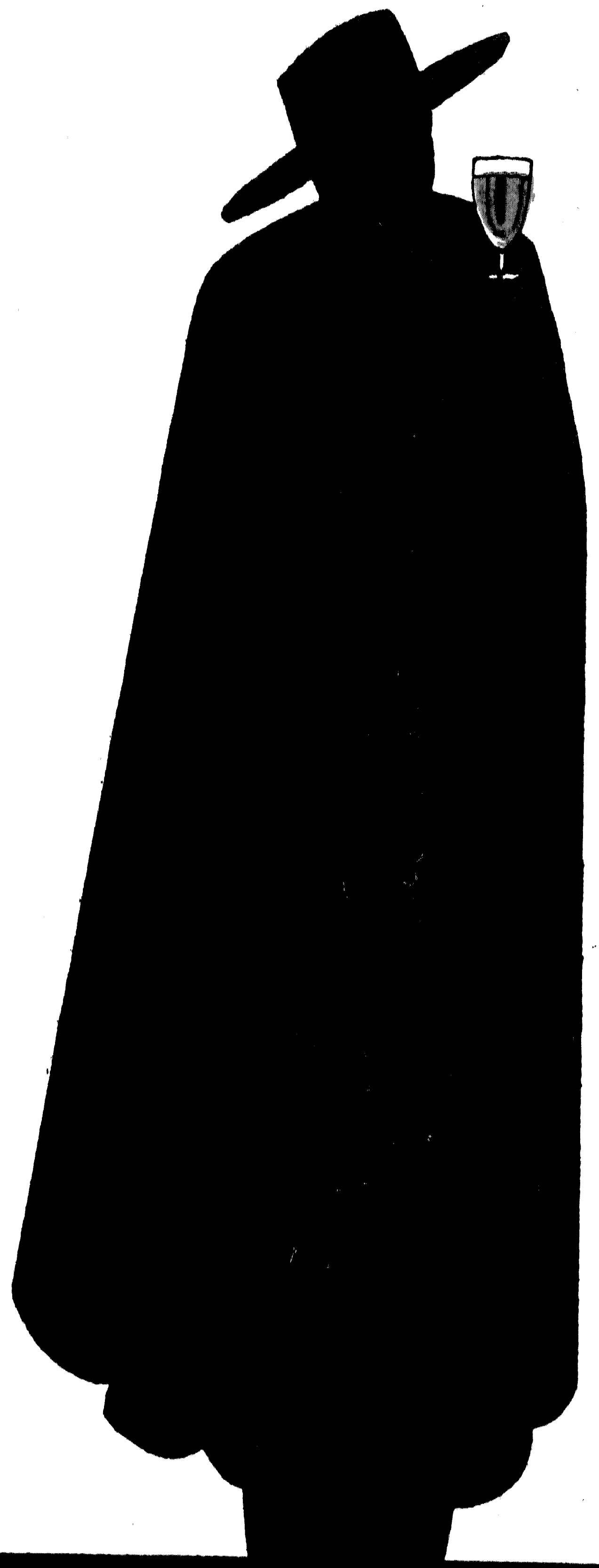
Distância via Lobito comparada com via Beira:

Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total: 3.553 milhas

Distância via Lobito comparada com via Cape Town:

Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total 2.719 milhas

Séde em Lisboa: Largo do Quintela, 3



PORTO SANDEMAN

ENDER. TELEGRÁFICO: SANTALINE-LISBOA // TELEFONE 26086

Representante para as Colónias **Alvaro de Lacerda** Rua do Alecrim, 21 // Lisboa

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA
ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA / CAPITAL: BEIRA

Esta região, com a superfície de 134.000 quilómetros quadrados, é considerada uma das mais férteis do continente africano, destacando-se na sua produção agrícola, o milho, o açúcar e o algodão. O porto da Beira, dotado de cais acostável e magnìficamente apetrechado, é servido por duas linhas férreas que ligam o território às regiões limítrofes de Oeste e do Norte. A construção da ponte sôbre o Zambeze aumentou a zona de influência económica do porto, facilitando as suas comunicações com a Nissalândia.

PARA INFORMAÇÕES:

EM LISBOA:
Largo da Biblioteca Pública, 10
(Sede da Companhia)

NA BEIRA:
Secretaria Geral do Govêrno
do Território.

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

Poesia crioula: Quel pessoa . . .	**Eugénio Tavares**
Prova de Crecheu	**Osório de Oliveira**
A Poesia de Cabo Verde:	
Nocturno	**Manuel Lopes**
Rumores. — Ilha. — Chuva. — Depois da Chuva	**Jorge Barbosa**
Alguns aspectos do «Eterno Feminino» nas Colónias.	**Lopo Vaz de Sampayo e Mello**
Batuque	**António Pedro**
Reparemos o êrro de Cabo Verde	**Luiz Terry**
Como eu vi a ilha de S. Nicolau	**Mário de Morais**
Diário	**Rui Cinatti Vaz Monteiro Gomes**
Discursos de recepção ao Cruzeiro de Férias:	
do Governador de Cabo Verde	**Amadeu Gomes de Figueiredo**
do Presidente da Comissão Municipal de S. Vicente	**Raúl Duarte Silva**
do Presidente da Comissão Municipal da Praia	**João de Deus Tavares Homem**
Bibliografia Colonial Portuguesa. Subsídios para uma bibliografia caboverdiana	**Florêncio J. S. Pires**

CABO VERDE

Número 26 — Fevereiro de 1936 — Volume III

BOA UNIVERSITY LIBRARY
This book is donated by

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

//

C ?A
(In to)

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adj	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Índia, Macau e Timor	25$00	50$00
Estrangeiro . . .	50$00	100$00

(

NÚMEROS ESPECIAIS

Desta tiragem, em papel Manchester Ledger e couché Chelsea, executaram-se 25 exemplares, numerados e rubricados pelo Director.

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

POESIA CRIOULA
QUEL PESSOA...

Note tem treba,
Ca mas sucuro que sê ojo.
Junho tem neba,
El ca mas albo que sê corpo.

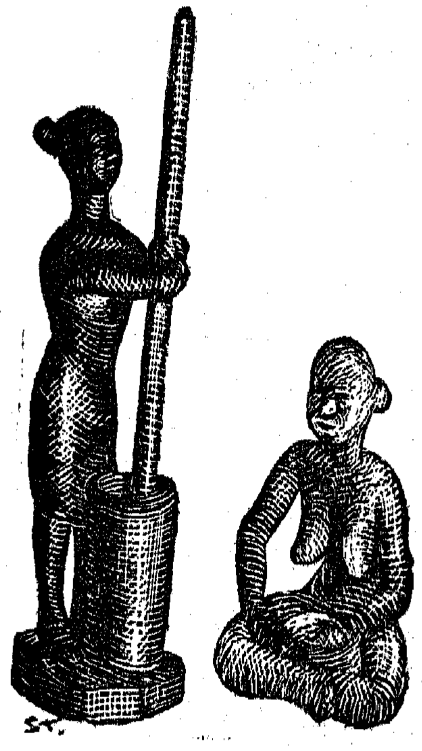
Maior zimola
Ca chegâ graça de sê boca;
Se Deus da'n el
Mi'n dal nha bida, ami'n ganha na troca...

Quando el arri,
Nhor Des ta abri
Porta de Ceu; sol ta escobri,
Mar ta cantâ,
Flor ta esdrobâ.

Mas se el bachâ,
Bachâ sê ojo
Razoado de ago, Nhor Des ta mandâ
Tristeza, nojo,
Tromenta, guerra,
De ceus a terra.

Do livro «MORNAS (cantigas crioulas)».

E U G É N I O   T A V A R E S



PROVA DE «CRECHEU»

Levado, de novo, pelo Cruzeiro de Férias, àquela «sêca, dura, estéril» terra de São Vicente de Cabo Verde, nela de novo encontrei a atmosfera humana que é o milagre das «ilhas crioulas». Tudo nessa terra justificava que a sua gente fôsse áspera como a paìsagem. A doçura dos costumes e a amorosidade do carácter dum povo compreende-se nas ilhas da Polinésia, onde a natureza torna a vida suave e deleitosa. Mas numa terra de solo ingrato e mais ingrato clima, só por milagre se justifica que a população seja tão doce no trato e tão lírica nos sentimentos. Talvez para os caboverdianos fôsse melhor serem menos ricos de qualidades afectivas e terem mais capacidade de revolta contra o Destino, mais energia contra as condições da sua existência, mais fôrça de vontade, enfim. Mas se do facto de serem crioulos lhes advém a doçura, dêsse mesmo facto deriva a sua resignação. Quem, como os crioulos, ama o amor a ponto de a êle se entregar quási exclusivamente, vivendo para o erotismo, não pode ter na luta a aspereza necessária. Digamos, imediatamente, por a palavra se prestar a confusões, que o erotismo dos caboverdianos não é só sensual, mas lírico, nostálgico e melancólico. O que não faz senão agravar o efeito emoliente que exerce sôbre a vontade.

O caboverdiano é, sem dúvida, a grande, a única riqueza de Cabo Verde. Mas se entre êles quási não há analfabetos, se em civilização êsses africanos não ficam atrás das populações da Metrópole, se são muitas as

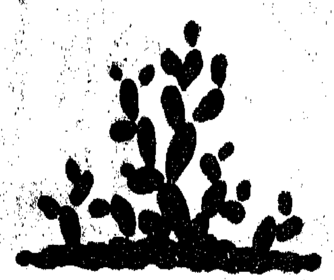
suas virtudes, precisam, no entanto, duma educação: a da vontade. Eu sei que de pouco serve ter vontade em Cabo Verde, porque a falta de meios não permite empregar as energias. Sei, também, que o emigrante caboverdiano é activo e trabalhador; que mesmo na sua terra, muitas vezes é tenaz, como aquele que fomos descobrir na sua horta bem regada, em meio dos campos estéreis e nus dos arredores do Mindelo. Mas êsse mesmo homem, êsse senhor Manuel Cantante, que surpreendeu tantos excursionistas, onde foi buscar a energia para criar um pequeno oasis no deserto que é a ilha de São Vicente? Dos sete anos que esteve no Brasil trouxe, sem dúvida, maior confiança nas possibilidades humanas, embora sejam do povo caboverdiano as suas qualidades. Sim, aos caboverdianos não faltam, mesmo, as qualidades de trabalho. O seu mal é que essas qualidades dificilmente se podem manifestar e são contrariadas por um fatalismo que está no sangue mas que êles precisam de vencer para tornar menos dramática a existência no arquipélago.

Quem poderá realizar essa obra de rectificação psicológica do caboverdiano? Só com o tempo será possível obter, não uma transformação total, mas a necessária correcção. Não seria, mesmo, de desejar uma transformação que alterasse a alma, tão rica emocionalmente, do povo de Cabo Verde. Qualquer tentativa de modificação radical duma alma com as qualidades da caboverdiana, seria um crime. Por isso, a acção educadora que eu preconizo só a podem exercer os caboverdianos. Penso, particularmente, naqueles quatro ou cinco rapazes que tentam hoje exprimir a alma popular e o drama do arquipélago. Para isso formaram um grupo com o nome de «Claridade», porque da arte esperam a iluminação. Só ela pode, de facto, esclarecer o conflito que um dos novos poetas de Cabo Verde, Jorge Barbosa, definiu assim:

«N'alma do povo ficou
esta ansiedade profunda
— qualquer coisa de indeciso
entre o clima tropical
e o espelho de Portugal...»

Esclarecendo êsse debate íntimo, os caboverdianos terão adquirido maior consciência de si próprios, e é êsse o primeiro passo para a tarefa que se lhes impõe de, sem prejuízo da sua alma, adoptarem outra atitude na vida.

Da minha recente passagem por São Vicente ficou-me certa mágoa. Passeando pelas ruas da cidade com Manuel Lopes, um dos jovens poetas daquele grupo, e ouvindo-o falar dos versos, meus conhecidos, de Jorge Barbosa, dum romance inédito de Baltazar Lopes da Silva, dos desenhos de Jaime de Figueiredo, tive pena de não viver com êsses rapazes as horas de sonho em que procuram dar expressão à alma e à paisagem das «ilhas adjacentes» de Cabo Verde, que são um pouco minhas por amor. Mas vai para êles a minha melhor saüdação, nesta esperança que neles ponho de que saberão contribuir para a felicidade da boa gente crioula. E vai ainda para êles a promessa de pôr essa gente num romance, que será, depois de tudo quanto tenho escrito sôbre Cabo Verde, a prova definitiva do meu «crecheu».



OSÓRIO DE OLIVEIRA

A POESIA DE CABO VERDE

NOCTURNO

I

As luzes, raras, do pôrto
brincam sôbre o mar tranqüilo
—enguias de ouro a saltar
numa alcatifa negra de veludo—...
e multiplicam-se no mar,
no mar sonâmbulo e mudo.

Perpassam gritos
como os que se calam dentro da gente...
Fantasmas negros de lanchas
sacodem mastros aflitos,
silenciosamente...

II

Raparigutinha solitária
—quinze gastas primaveras—
o que é que esperas
olhando a noite mole e linda?

Algum vapor que passe ou que fundeie?
Algum abraço generoso
e descuido aqui, ali,
ou no mar-alto ainda?...

III

—Em que pensas, carvoeiro debruçado,
no cais deserto, sôbre o mar,
cuja sombra, como um morto,
o mar iluminado
embala?
Sonhas a voz do pôrto,
que já perdeu a fala?

Carvoeiro dos tempos idos,
—peça duma engrenagem inútil
tombada no chão:

eu sinto o drama do teu rosto limpo
onde não há vestígios de carvão!...

(Do livro «MOMENTOS», a sair)

M A N U E L L O P E S

R U M O R E S

RUMORES DAS COISAS SIMPLES DA MINHA TERRA...

Dos trapiches
quando esmagam a cana para o «grog»
com os bois pacíficos a rodar
sempre a rodar
ao som dêsse canto que vem dos currais
numa cadência estranha de nostalgia
que deixa um arrepio a morrer no ar...

Rumores das salinas,
dos rodos nas maretas,
das carretas
levando o sal na via férrea...

Rumores do Pôrto-Grande,
do carvão
caindo nas lanchas metálicas,
das âncoras
dos guinchos
das sereias
dos apitos
e dos gritos
dos gritos nocturnos nos botes da baía...

Rumores do romper da manhã,
nos pilões
cochindo o milho para a comida do povo,
na gente
que chega ao mercado,
em todo êsse alegre afã
de coisas humildes...

Rumores de fainas marítimas
dos pescadores lançando
os botes ao mar,
dos veleiros cruzando
o arquipélago...

Rumores pagãos
das coladeiras de Santo António
e São João, de São Pedro,
ao som dos tambores...

Rumores de dramas agrícolas,
da chuva que vem
que não vem...

Rumores tagarelas
nas lojas rurais,
às portas dos regedores,
do urim, da bisca, das damas...

Rumores musicais
das mornas
dansadas
das mornas
tocadas
das mornas
cantadas...

...e das ondas

à roda das Ilhas...

(Do livro «ARQUIPÉLAGO», a sair).

J O R G E   B A R B O S A

I L H A

Quando o barco alemão vem à ilha carregar sal
há um sobressalto íntimo de contentamento
na gente que fica a ver de terra.

À varanda da antiga casa do largo
olhos curiosos em direcção ao Mar
atravessam as lentes baças
de velho binóculo do tempo dos piratas.

Toma certo ar garboso e oficial
com a bandeira nacional à pôpa
o escaler a remos
ao partir apressado ao vapor
com as autoridades tôdas do pôrto
e o empregado da firma carregadora
que leva uma grande pasta sob o braço...

Compram-se a bordo novidades
ouvem-se notícias
de longe...
bebe-se
cerveja gelada.

O barco parte depois
e a povoação resignada
retoma a monotonia habitual...

... à noitinha
à hora tagarela de em seguida ao jantar
os homens reúnem-se na rua principal
comentando as ocorrências do dia...

... *vem então à baila aquela passageira*
de bôca pintada
que seguia para o Congo Belga...
E da evocação da mulher estrangeira
ficou um sonho parado
em cada um...

C H U V A

Interrompe o regedor a partida de urim
e chega à porta da loja a ver o céu
com certo ar astrológico que tem.
Diz depois que sim
para dentro:
que a chuva vem
não tarda.

O americano bebe então
um grog mais
e abala no macho respingão.

A filha mais velha do condutor de malas
volta da lenha à pressa
com pesada carga na cabeça
e a saia apanhada pelos joelhos,
parece que mostrando de propósito
as pernas saudáveis e queimadas pelo sol.

Momentos depois
a chuva cai torrencial
sôbre as plantações sequiosas,
enquanto o rapazio anda nu
ao sabor daquele banho natural.

DEPOIS DA CHUVA

Quando a chuva passar
hei-de ir ao cimo do Cutelo,
para ver o cenário soberbo que a terra tem
e sentir o cheiro úmido da terra encharcada.
Hei-de chegar à tua casa também
que ali fica
no alto,
para te surpreender nesse à-vontade adorável:
as saias de chita curtas,
as pernas quási ao léu,
de um recorte musculoso e de um ritmo admirável,
a blusa e os teus cabelos molhados ainda
da chuva que apanhaste nas voltas pelo quintal.

Falarei a teu pai do milharal,
das plantações,
— banais motivos afinal
que me demorem mais ao pé de ti.

Antes de me afastar
pedir-te-ei intencionalmente um copo de água,
apenas para te dizer
alguma coisa
e para te ver
descalça e apressada
a atravessar a casa
na marcha firme dos teus passos
e com o copo sustido
em equilíbrio
num pratinho de louça colorido.

(Do livro inédito, «AMBIENTE»).

J O R G E B A R B O S A

ALGUNS ASPECTOS
DO
«ETERNO FEMININO» NAS COLÓNIAS
(ESQUISSO ETHNOGRAPHICO)

(Excerpto duma conferência)

. . . .

Começêmos tal viagem de pura imaginação pela colónia de Cabo Verde. Ao tempo de sua descoberta, eram desértas tôdas as ilhas do archipélago, de sorte que houve que promovêr o respectivo povoamento, o qual, logo de principio, se realizou mediante o transporte, para differentes ilhas, de muitos casaes de indigenas guinéenses das tribus dos *balantas*, dos *papeis* e dos *bijagós*, e de alguns casaes pertencentes ás tribus *felúpe* e *jálófe*. Dos cruzamentos localmente havidos entre mulhéres d'essas differentes tribus da Guiné e os colónos portuguêzes, bem como das crúzas, ao depois havidas, entre aquellas mulhéres e os judeus que, para alli, fôram expulsos da metrópole, resultou o actual pôvo caboverdeâno que, de ilha para ilha, apresenta differenciação, por vêzes grande, em seus caractéres physicos exteriores, não só por via da differente proporção dos sangues que correm nas veias dos elementos mésticos, como, tambem, por causa das alterações de origem mesológica motivadas pelo imperativismo do meio tellurico, pelo módo de vida, e pela acção contagiante da civilisação europeia.

Após as primeiras cruzas entre brancos portuguêzes e escrávas nêgras importadas da Guiné, começou a têr logar, atravéz successivas gérações, o apuramento espontaneo do typo somatico mediante a sellecção resultante da crúza dos elementos menos escuros com os mais claros e, brancos, até que, após diversas gérações, uma certa parte da população d'aquella colonia, se aproximou bastante, sob diversos aspectos, tanto somaticos como ethnicos, do typo médio da raça branca, o mêsmo succedendo, no

que respeita a traços physionomicos, áquêlles individuos cuja tonalidade pigmentar da pélle ainda hoje se conserva nêgra.

A mulhér caboverdeâna é alta, desempenada, esbelta, bonita e tem, em geral, grandes e lindos ólhos de expressão marcadamente languida e ardentemente sensual. Andam quasi sempre descalças e o seu caminhar é facil, donairôso e requebrado. Algumas, ao passar por nós, fazem-nos lembrar estatuas de Phidias arrancadas a um museu hellénico, banhadas em chocolate, e animadas, pela ardencia do sol dos trópicos, para a vida sensual. Só por não andarem núas não é perfeita a illusão... Quanto á indumentaria, encobrem a nudez dos seus corpos, quasi sempre gentilmente proporcionados e apresentando, mêsmo, n'algumas mulhéres, fórmas verdadeiramente esculpturaes, com as seguintes véstes:

Em seu busto, envérgam camisêtas de algodão, umas vêzes afogadas e, outras vêzes, mais ou menos decotadas, óra de manga curta, óra de manga inteira, e, quasi sempre, bordadas ou enfeitadas. Da cintura para baixo, usam saia de chita que lhes chêga ao tornozêlo e, sobre os hombros, um chaile. Como adórnos, usam brincos vulgares, ou arrecadas de filigrâna, e, no pescoço, cingem colláres de contas de vidro eguaes a muitas d'essas de que o exotismo da moda actual impôz o uso ás senhoras europeias. Na cabêça, levam lenços de sêda, de côr sempre azul ou amarela, com barras de outra qualquér côr, dos quaes: duas pontas veem atar á frente, passando, as outras duas pontas, para traz, por baixo das primeiras, e indo cahir, elegantemente sobre a nuca, ficando uma parte do cabêllo sempre a descoberto. As viuvas trajam vestimenta azul ferrête ou prêta, confeiçoada em lã ou algodão; cobrem a cabêça com um lenço prêto que lhes tapa, completamente, a tésta e as orêlhas; e, ás vezes, embiocam-se em um panno prêto que só lhes deixa vêr os ólhos. Logo que o marido morre, cortam o cabêllo e, só findo o primeiro anno de viuvêz, é que deixam de usar o biôco, ao que chamam: «*tirar capêllo*».

Como a principal missão da mulhér, n'êste mundo, é sêr espôsa e mãe, e sendo, o casamento, o mais importante acto da sua vida, algum interêsse porventura terá dizêr como se casa a mulhér de Cabo Vêrde.

Embora grandemente supersticiosos e mantendo, ainda, certas praticas feiticistas, os caboverdeânos são cathólicos fervorósamente praticantes e, como taes, o casamento monogâmico é, entre elles, régra sem excepção. Alguns dias antes do designado para o casamento, começam os vizinhos e amigos a acarretar mólhos de lênha para a casa em que se déve festejar o matrimonio. Apresentam-se em ranchadas, todos empunhando ramos de flores e bandeiras feitas com lenços de côres berrantes, e entoando córos em honra dos nubentes. Na véspera do casamento, chêgam, então, os parentes e padrinhos trazendo seus presentes, os quaes, mais vulgarmente, consistem em: cabras, porcos, gallinhas, mandióca, fructos, leite, e, está bem de vêr, copiósa litragem de aguardente de canna. Aquella noute, passam-na comendo, bebendo, cantando e bailando, sempre em grande animação.

Na manhã do dia do casório, enfeitam as janellas e portas da casa com ramos de canna d'assucar, de cafézeiro e de larangeira, entremeiados de bandeiras e bandeirolas feitas com lenços de sêda de côres vivas que põem uma bem alácre nota no tom verde dos festões de ramaria.

No quarto nupcial, arma-se o leito do futuro casal, enfeitando-o com cortinados feitos com cobertas e lençoes, e engrinaldando-o com festões e arcos floridos dos quaes pendem: bonécos, fructos, óvos, bôlos de milho, e algumas garrafas, ou frascos, contendo leite, mel e aguardente para symbolisar: a fecundidade, a paz e a alegria. Ao leito, assim enfeitado e prompto para sêr theatro da primeira noute d'amôr dos recem-casados, chamam «*tôldo*».

A noiva é vestida por várias mulhéres perítas no assumpto, e enfeitada, não só com os seus objectos de ouro, como, tambem, com muitos outros que, com um grande prazêr, para tal fim lhe emprestam as suas amigas ainda solteiras, sendo, depois, conduzida á Igrêja aonde tem logar o casamento.

O banquete nupcial realiza-se, á noute, entre grandes e alegres folguêdos.

Debaixo do travesseiro da noiva, collocam fitas vermêlhas e azues e alguns alfinetes. Após o «*enfin seuls*», se o noivo..., como diremos?..., não viu defraudadas suas esperanças, exige o costume que isso se torne público, de sorte que o rapaz, em certa altura da noute tem, em tal caso,

de saltar da cama, abrir a janella e disparar, para o ar, alguns tiros de espingarda. Passando-se assim as cousas, logo então, ao dia seguinte, apparece, em casa dos recem-casados, a madrinha da noiva que, tirando, de baixo do travesseiro do thálamo nupcial, as taes fitas e alfinetes, com umas e outros faz vários laços, ao depois distribuidos pelas amigas da noiva ainda solteiras, as quaes logo os põem ao peito com vivo contentamento e bôas esperanças de que, muito breve, terão a egual consagração dos tiros de espingarda dados pelo homem que namoram e desêjam para marido. O cortêjo nupcial, tanto no caminho para a egrêja, como no regresso a casa, é sempre acompanhado por um grupo de tocadores de rebeca e de viola que levam os seus instrumentos adornados com vistosos laços de côres berrantes.

Os casamentos, como, aliás, tambem os baptisados e outras festas, incluem sempre danças, tocatas e outros folguêdos, difficil sendo que haja outro pôvo, como o de Cabo Vêrde, assim tão affeiçoado á folia. A gente caboverdeâna, e nomeiadamente as mulhéres, tem um extraordinário ouvido musical, sendo afinadissimos seus descantes e admiravelmente compassadas todas as suas manifestações choreográficas.

A mulhér de Cabo Vêrde é bailarina de alma e coração e, em todas as ilhas do archipelago, rende fervoroso culto a Therpsichóre. Aos bailes, em geral, chamam *batuques,* algumas danças havendo acompanhadas de canto feito por côro e solistas e, outras, tão sómente bailadas ao som de música. D'estas ultimas danças, aquellas que a mulhér cabovérdeâna das classes populares mais gostósa e airosamente baila são: o *landum,* a *taca* e a *coladeira.* Ao som de musica apropriada e que tem harmonias interessantes, os páres começam a movêr-se n'um balanceiamento que, a comêço é languido e môrno, mas que, lógo depois, se torna vivo e de crescente ardôr. Todo o côrpo se móve, acompanhando os movimentos das pernas em requébros de fléxuosidade difficeis de imaginar. Tal é o tom geral d'estas danças que provocam, n'aquellas eméritas bailarinas, um authentico frenesi *kinesthésico,* sobretudo quando dançam as *coladeiras* em que os movimentos são da mais suggestiva e impudente lascívia.

Na camada superior da sociedade indigena de Cabo Vêrde, o elemento feminino, como dança typica local, tem as *mórnas,* que são um bailado original d'aquellas ilhas, esthético, agradavel e que já, actualmente, é muito conhecido e praticado na Europa. A musica das *mórnas,* typica e simples, traduz êsse mixto de sentimentalismo propriamente dito e de languidez physica que é a propria essencia do feitio psycho-physico da mulhér caboverdeâna.

Independentemente dos primôres da sua plastica, da sua elegancia, da sua graciosidade, do seu trato simultaneamente alégre e amoravel, e da sympathia que nos inspira o seu devóto religiosismo, estamos em crêr que um dos principaes factores do *charme* da mulhér caboverdeâna está na inegualavel doçura do seu fallar. Em Cabo Vêrde, falla-se portuguêz e falla-se o *creoulo* que é dialecto resultante d'uma *mayonnaise:* feita com dialectos dos nêgros da Guiné e com a lingua portuguêza; temperada com o variado condimento de brazileirismos, anglicismos e gallicismos; e apimentada com o estropeiamento dos vocábulos assim provindos de tão multiplos mananciaes linguisticos. Todavia, apezar da multiplicidade d'estas fontes linguisticas, o certo é que d'ellas brotou êsse tão dôce, melodiôso e musical fallar da mulhér caboverdeâna. Dizemos: «*da mulhér*» porque sendo o portuguêz, por suas consonancias, uma das mais másculas entre as linguas europeias de flexão, é curiôso que os seus derivados pendem, invariavelmente, para uma manifesta feminilidade. A propria falla portuguêza do Brazil que, longe de se abastardar, mantem integra a vernaculidade, tornou-se, por sua pronunciação, uma lingua effeminada. E, então, aquêlles dialectos, como o creoulo de Cabo Vêrde e da Guiné, ou como o macaista, em que o vernáculo luso se amalgamou com a lingua indigena, são fallas tão dôces, tão delicadas, tão femininas, que só appetece e só sabe bem ouvir o seu murmurio sahir de labios de mulhér, fazendo-nos parecer talvêz um pouco *maricas* os homens que n'ellas se exprimem. O creoulo caboverdeâno cheio de suave musicalidade, é um dialecto deliciôso para fallar de amôr, constituindo, assim, um dos melhores enleios da trâma do eterno feminino em Cabo Vêrde.

LOPO VAZ DE SAMPAYO E MELLO

BATUQUE

Se eu não tivesse a convicção da preexistência da poesia em relação à música e da razão do seu aparecimento à face da terra como necessidade de concretisação verbal do ritmo da dança (expressão corpória e primeira do imperativo artístico do homem) tê-la-ia ganhado em Cabo Verde, assistindo a um batuque de S. Tiago — a única tradição negra e continental duma ilha povoada só depois da descoberta.

Ao rítmo da *chaveta*, rufo das mãos no *pano* entalado em embrulho entre os joelhos, que marcam, acocorados, os assistentes em roda, um homem, uma mulher ou quando muito um par, desenvolvem, em livre curso de mímica exótica, a dança de entontecer.

A cabeça está quieta. Exige-lhe a regra que possa sustentar em equílibrio e sem auxílio das mãos a garrafa da *cachaça* que ajuda a melopeia monótona no progresso da exaltação. De mão a mão, percorrendo os braços e os ombros como uma onda, uma espécie de arrepio ritmado independente do resto. E o resto, que se passa num andamento de velocidade inacreditável é um rebolar ininterrupto e inverosimil das ancas desenhadas pelo aperto exagerado do pano. De espaço a espaço, as pernas, sem função, contagiadas do arrepio dos braços, contraem-se num salto.

Assim começa o *batuque*. Ás vezes, na *simboa*, violino de uma corda a ressoar sôbre um côco coberto de pele de cabra, repete o tocador tôda uma noite as sete notas da mesma eterna e inalterável música.

Depois, ganha na primeira meia hora o calor necessário, o dansador, que se renova, ensaia mímicas espantosas de aflição e de desejo. Nos batuques que vi, só o medo e o praser sexual eram motivos evidentes. Então os da *chaveta* já se não contentam do ruído surdo do seu rufo e desatam, em solo e em côro, numa ladainha de exclamações — *nha mãe!* dum sensualismo exasperante.

O *batuque* atingiu o seu clima necessário, capaz de o manter horas e horas, dias e dias se o deixarem.

E os versos? Lá chegamos. Há-os de duas espécies — de *crucutir* (1) e de louvor.

(1) Mal dizer — criticar.

Os primeiros para os ausentes e para a chacota dos acontecimentos, os segundos para os presentes e a paga, que é sempre paga cada dansadeira ou cantadeira de *batuque* na hora mesmo da sua dansa ou do seu cantar, numa quete em roda para serve, a desígnio, o copo das libações.

Os versos são de improviso em forma de plena liberdade, e a toada é mais rítmica e litânica que musical. Quando aparecem, cala-se a *simboa* marcam-lhes a cadência o compasso da *chaveta,* e o movimento melódico e as paragens estróficas, os esgares da dansa no seu desconchavo.

Lembro-me duns que me foram «cantados» e que, mau grado alguma alteração da memória, servirão de modêlo para imaginar os outros, todos concebidos no mesmo processo de imagens.

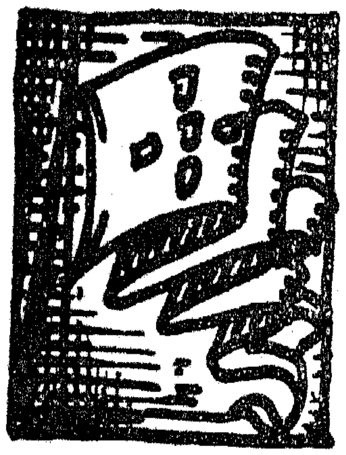
«Todo o boi é boi
Todo o vaca é boi
. . . .
. . . .
. . . .
Boi inteiro é boi
La na achada é boi
Boi castrado é boi
Todo o vaca é boi.
Nho Zé Costa é boi
E su fidjo é boi
Aé!
Eh nha mãe!
Todo o boi é boi»

A imagem clara da louvaminha é graciosa e inédita no seu recorte. E que aos ouvidos maliciosos do europeu não soem mal, na crueza sem disfarce, os termos da comparação. Não pretendia com ela, a cantadeira, mais que um elogio sem reservas.

O boi é talvez símbolo de nobreza e abundância, mas mais do que o símbolo se pretendia aproveitar o que, do hábito da fala, fica em imagem literária. Filho de meu pai, e embora me não conhecessem, melhor ou pior, tinha de ser da sua bôa raça.

A N T Ó N I O   P E D R O

REPAREMOS O ÊRRO DE CABO VERDE



A história regista os factos e os concatena numa feição viva, procurando determinar na reconstituïção que se propõe, os fios subtís que fizeram das sociedades e épocas passadas, complexos sociais com os seus ideais, os seus sentimentos e as suas realizações.

A-pesar-do progresso das ciências, não obstante a pretensa filosofia da história, por muito que pese a sociologia, vitoriosamente defendida e prosseguida com uma espécie de nova mística, há razões de acontecimentos, motivos de sucessos que são rebeldes a todas as investigações.

Muito se tem dito de plausível, e também de ilógico, sôbre as navegações e descobrimentos portugueses desde o génio aventureiro dos celtas ao impulso feudal, e ao dinamismo bélico cristão dos cruzados do Ocidente.

Suponho que é assente no consenso unânime dos investigadores e cultores da ciência social, que nenhum movimento histórico tenha tido uma época de expansão sem que encontre um clima apropriado para o seu desenvolvimento.

A expansão portuguesa dos quinhentos é um facto, incontestável e brilhantíssimo; as suas origens, o seu decesso, a falta da continuïdade histórica no mesmo desígnio da política ultramarina, é outro facto também incontestável, mas muito de lamentar.

Reconhecido o êrro, evidenciada a necessidade iniludível de retomar a tradição interrompida, não há que hesitar. — Há que recomeçar.

O cruzeiro de férias às colónias — O primeiro que se fêz — foi já um acto significador da vontade resoluta com que se pretende agir, passada a época de exaltação romântica que se caracterizou por uma revivescência estática, e admiração incondicional, perante o fausto das realizações heróicas do passado.—Repetiram a rota dos navegantes com a segurança e a comodidade que o progresso hoje dispõe, duas centenas de portugueses, levando na alma, acrescida, em cada metro andado, a admiração e o culto pelos sublimes e heróicos marinheiros que em lutas titânicas, num prélio secular, conquistaram as ondas virgens, dêsse mar imenso que se estende desde o Bojador para o sul. Adolescentes e homens feitos, alguns velhos já tocados pelas duras lutas da vida, todos os romeiros que andaram por dois brevíssimos meses pelas colónias do ocidente português trouxeram iniludível a funda admiração que tudo aquilo desperta. O amor que tudo aquilo infunde, — as pedras desmanteladas dos rústicos fortins, os areais extensos e infindáveis do deserto de Mossâmedes, as modernas obras e as explorações modelares de algumas culturas. Perante a ruína e o monumento; em contacto com o passado e o presente desperta em nós o mesmo sentimento que nos irmana e, longe das disputas, das inimizades e das sizanias *sente-se o Império da Grei.*

Realizado o primeiro cruzeiro, trazido ao conhecimento directo dalguns portugueses as colónias do ocidente africano, é necessário que êsse ciclo se conclua com uma nova viagem à África Oriental de forma a se conseguir a dupla finalidade: O conhecimento da África portuguesa, pelos portugueses do continente, e o testemunho, que êstes darão, aos portugueses de além-mar, do carinho, da simpatia, e da comunhão que irmana nos mesmos ideais os portugueses de todo o mundo. *¡ Os portugueses de todo o Mundo !* Acodem-me, expontâneos, os versos vibrantes que Rúben Dario colocou no altar da Ibéria. *Sangre de Ispânia fecunda, raza ubèrrima...*, a que podemos acrescentar o dístico camoneano — *que deu ao mundo novos mundos !*

Cabo Verde — Primeira terra africana a que o cruzeiro aportou após uns tantos dias de céu e água, isolamento propício para se estabelecer a comunidade entre gente desconhecida que se propõe passar dois meses de férias. S. Vicente de Cabo Verde, baía formosíssima, caprichosamente regular, duma regularidade geométrica, abrigo seguro e pôrto de salvamento para os mareantes assaltados pelas tempestades nas lonjuras do Atlântico.

Recepção festiva e fraterna, sensibilizadora na sua simplicidade, calou bem no nosso espírito curioso do primeiro contacto colonial. Dezenas de pequenos barcos cercaram o Moçambique transportando o rapazio da terra na ânsia de angariar algumas moedas, no geito de pescadores de coral. A visita à ilha, deixando de parte o afecto dos habitantes, dá-nos uma impressão desconsoladora pelo abandono a que a metrópole votou aquela magnífica possessão na rota dos navios que demandam em grandes viagens os portos da África e da América do Sul.

Diziam os egípcios que o Nilo era uma dádiva de Deus e de tal forma se identificaram com essa idea que chegaram à divinização do próprio rio. Tôda a civilização do Egípto enraizou-se no humus fecundo das inundações do rio maravilhoso, afirmando os antigos que o milagre egípcio encontra a sua explicação na necessidade de impôr uma regra ao estuar violento das águas, como foi necessário impôr uma ordem e uma lei às gentes dispersas pelos *nomos* do alto e baixo Egípto.

S. Vicente de Cabo Verde teve uma vida fácil e venturosa de que os seus habitantes se recordam com profunda dor — foi quando os navios demandavam regularmente o seu ancoradouro — trazendo no seu bôjo a riqueza e a prosperidade aos da terra. Fornecimentos de óleo, de carvão, de víveres; comércio de pequeninas coisas, que a arte nativa produzia, outras que se reexportavam, vertiam riquezas em S. Vicente. Em quatrocentos anos, a-pesar-do reconhecimento unânime da necessidade dum cais, como nós somos capazes de fazer e como fizemos em Lobito e em Lourenço Marques, a administração pública não dotou aquela ilha dêste melhoramento indispensável.

Como era de esperar outros que, não podiam concorrer connosco, em previlégios naturais, lançaram mãos à obra, e fizeram surgir em Dakar e Las Palmas dois portos que a navegação demanda, embora torcendo a rota, porque encontra melhores apetrechamentos. S. Vicente ligado à baía, vivendo dela, tem acompanhado a decadência do seu pôrto, ficando condenada a uma vida miserável que poderá levar até ao próprio despovoamento da ilha. Será ainda tempo de se lhe acudir? Poderemos hoje recuperar aquilo que deixámos perder?

As primeiras civilizações criaram-se ao longo dos rios, pois, foi ali que as populações nómadas encontraram os elementos necessários para a sua fixação pelas facilidades que a água lhes oferecia. Fixados os primeiros núcleos, as relações mútuas foram alcançadas pelos caminhos que seguiam os longos cursos, surgindo assim as primeiras vias de comunicação. Adiantou-se a humanidade e vieram os primeiros transportes; deu-se mais um passo à frente e chegámos à idade da máquina a vapor e, preparamo-nos hoje para escalar novas vias — as comunicações aéreas.

Pois bem, se perdemos a posição marítima de Cabo Verde estamos em tempo de pagar êsse êrro dotando o arquipélago dum aéro-pôrto moderno e bem apetrechado.

L U I Z T E R R Y

COMO EU VI A ILHA DE SÃO NICOLAU

A ilha de S. Nicolau é a ilha dos oasis deslumbradores, sumptuosos de vegetação e perfumados das exalações dos frutos; é a ilha das praias brancas e macias, inundadas de fortes torrentes de sol; é a ilha das montanhas gigantescas, áridas, rochosas, cinzentas e vermelhas a arder debaixo dum céu de fôgo e a esconder nos seus refôlhos abismos cortados a pique que arrepiam, imersos num silêncio trágico sobressaltado de longe em longe por berros de cabras que parecem gritos de desgraça; é a ilha das aldeias alvejantes, madrugadoras, buliçosas e hospitaleiras onde todas as portas e corações se nos abrem de par em par; e é a ilha de gente letrada e bem falante onde as crianças e os adolescentes afluem às escolas a inclinar-se sôbre os livros antes que atinjam a idade de se curvar sôbre as enxadas nos campos.

Todos os nativos falam ali bom português e estou bem recordado da surprêsa que me penetrou quando, momentos depois de ter desembarcado, necessitei de chamar um rapazote esfarrapado que passava, a-fim-de que me transportasse uma mala e, tendo-o chamado em crioulo:

— Eh bó, bên ali! — obtive a seguinte resposta:

— Queira dar-me as suas ordens...

Surprêsas desta natureza tive depois muitas no convívio com a gente da ilha. É freqüentíssimo depararem-se-nos, empregados nos mais rudes e descategorizados misteres, pretos e mulatos possuidores duma instrução relativamente elevada. Vale a pena citar, a título de curiosidade, o caso dum preto de meia idade, descalço e malroupido, que tendo um dia de fazer-me certo pedido se me apresentou respeitosamente, com boné sujo na mão, e principiou nestes termos: — *Eu tenho, meu rico senhor, um insignificante pedido a fazer-lhe. Se bem que êsse pedido seja insignificante faço-o, no entanto, com bastante receio de receber aquela resposta que o Padre António Vieira dizia não ter direito nem avêsso.*

Aos meus lábios não poude deixar de aflorar um sorriso que pareceu não agradar ao preto. É que dentro de mim nascera a convicção de que o vistoso espiche lhe fôra ensinado por qualquer professor ou padre da Ribeira Brava, onde o caso ocorria. Afinal, tive ocasião de tratar mais vezes com aquele nativo e verifiquei que se tratava duma criatura instruida e até com singulares preocupações filosóficas. Foi êle quem, a-propósito do ódio que inimizava dois

europeus, me disse uma tarde: — «Todo o homem, escreveu não sei que escritor clássico, deveria acompanhar uma vez por semana um entêrro à igreja. Nunca assim seria esquecido o carácter transitório e fugaz da vida, bem como a inutilidade final de todos os nossos ódios e dissenções».

Outras criaturas semelhantes tive ensejo de vir a conhecer na formosa ilha de S. Nicolau com o decorrer do tempo. Duma ocasião que visitei de noite uma pequena fábrica de conserva tratei com um mulato de quinze anos, ali empregado numa das mais baixas ocupações, e que falava o português com uma vivacidade, fluência e correcção pasmosas. Tinha também conhecimentos de matemática, de francês, de inglês e até de latim!

Preguntei uma vez a um rapaz nativo, que me servia de guia num passeio a cavalo por um caminho florido, se na ilha não havia rosas.

— Rosas? Sei que são umas flores muito bonitas mas aqui não as encontramos.

E, depois duma pausa, pôs-se a murmurar na velha língua do Lácio:

— *Rosa, vita tua diuturna non est...*

* * *

O mistério da instrução que encontramos difundida pelos nativos da ilha de S. Nicolau foi-me breve decifrado. O preto que me citava o Padre António Vieira e o pretito que me evocava a vetusta língua de Roma ficaram naturalmente explicados.

Na vila da Ribeira Brava, o coração da ilha de S. Nicolau, funciona desde longa data um grande estabelecimento de ensino de equivalência liceal, onde acorre a letrar-se a flor da juventude nicolaense. Que forte é conhecida a ânsia de aprender que caracteriza os caboverdeanos e com facilidade se pode calcular quão numerosa não tem sido sempre a afluência ao instituto da Ribeira Brava. Professores competentíssimos ministravam ali o ensino das línguas vivas, as matemáticas e as ciências naturais e padres de conspícuo saber iniciavam os jóvens nativos nos segrêdos gramaticais da língua latina.

Dos alunos dêsse valioso colégio, alguns, os mais abastados, abalavam mais tarde para a metrópole a prosseguir os seus estudos na universidade; outros, os mais pobres, — a maioria — impossibilitados de penetrar nos quadros acanhadíssimos do funcionalismo público da colónia, acabavam por se consagrar às profissões humildes dos pais. Mas nem por isso reputam inútil o tempo e a actividade dispendidos nesse aprendizado de que não obtiveram resultados práticos. Fica-lhes sempre dentro da alma o orgulho do seu valor pessoal e não perdem jàmais o gôsto pelos bons livros.

Tal a razão porque é vulgar encontrarmos na ilha de S. Nicolau rapazes

empregados nos trabalhos da enxada, do martelo ou da forja, moleques e até alguns vadios com conhecimentos culturais surpreendentes em gente de tão baixa condição.

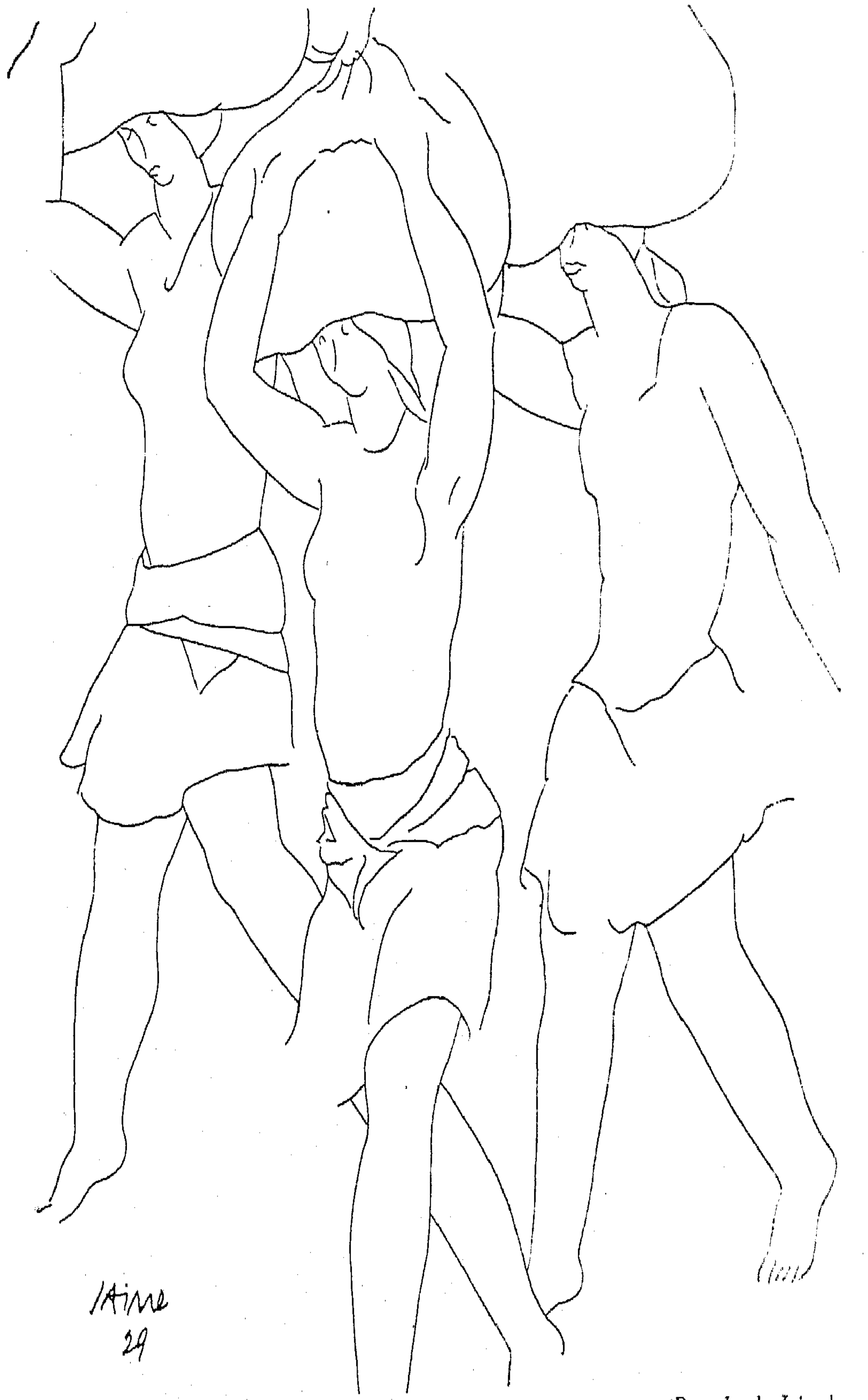
Se a ânsia de aprender é, como disse, uma das mais salientes características dos caboverdeanos, tal condição salta aos olhos, mais do que em qualquer outra ilha, na encantadora ilha de S. Nicolau. A afluência às escolas primárias causa admiração e é de comover observar a solicitude e diligência com que os pequenitos palmilham distâncias que, com freqüência, atingem muitos quilómetros e por vezes com os ventres quási vazios, para aprender as primeiras letras em escolas que ficam longe das suas povoações natais. Foi nessa curiosa e abençoada terra que eu vi pela primeira vez na minha vida bandos de garôtos esfarrapados a implorar esmola não para comprar brinquedos ou gulodices ou sequer o pão para a bôca, mas para comprar tinta e fôlhas de papel avulso necessárias aos seus trabalhos escolares. Porque nas escolas de S. Nicolau as crianças são obrigadas a pagar do seu bôlso a tinta que lhes é mister gastar nas escolas.

Num pequeno curso que tentei organizar na Ribeira Brava inscreveram-se inúmeros nativos que pretendiam aprender a todo o custo as coisas mais dispares. Alguns dêles, que eu sabia pobríssimos e interroguei escrupulosamente sôbre o modo por que lhes era possível ocorrer às despezas do aprendizado, propunham-se arcar com sacrifícios deveras impressionantes com os quais talvez nenhum outro povo tivesse a coragem de arrostar.

Admirável gente, gloriosa gente essa que povoa a dôce e linda terra de S. Nicolau! O visitante pode transir-se de emoção em presença das suas variadas e grandiosas paisagens, ora verdejantes como oásis sagrados, ora feitas de espantosas rochas maravilhosas e rubras como restos dum incêndio ciclópico; pode deliciar-se na alva vastidão das suas praias macias onde sopram ao de leve brisas tépidas e acariciadoras; mas não pode deixar nunca, quando parte, de evocar em primeiro lugar, com admiração e ternura, êsse pequeno povo ansioso por engrandecer-se pelos progressos do espírito!

Não sei se o instituto de Ribeira Brava, de tão honrosas tradições, voltou a funcionar ou se ainda se encontra encerrado e ao abandono, mercê da crise que avassala o mundo e não poupou essa terra humilde. Aos nicolaenses de maior prestígio cabe a missão sagrada de reacender êsse luminoso farol que é tão necessário ao povo da ilha como o pão do corpo e que constituíu até hoje a sua mais bela conquista.

M Á R I O   D E   M O R A I S



(Desenho de Jaime)

DIÁRIO

Recordar. Viver em pensamento dias de inesquecível emoção. Oh! como é bom sonhar na realidade!

O «Moçambique» ia deixando para trás o que para muitos fôra passatempo de algumas horas, mas que para outros fôra a revelação duma humanidade desconhecida.

Encostado à amurada, a olhar as ondas subindo pelo casco e depois dobrarem-se e desfazerem-se em espuma fosforescente, comecei a recordar as mais gratas imagens dêsses dois dias.

Elas vinham sobrepôr-se, cada uma procurando tomar maior vulto no meu pensamento.

E eu estava satisfeito, sentia-me feliz por julgar que compreendia a alma de Cabo-Verde.

Sete ou oito horas da manhã, não me lembro bem. Corro à vigia. Santo Antão apresenta a sua silhueta meio oculta nas núvens. Mais ao longe, S. Vicente, uma sombra no horizonte nublado, estende-se em recorte sinuoso.

O que eu fiz, o que eu não fiz, nessas horas em que o navio sulcava o Mar azul e as Ilhas se revelavam cada vez mais perto!

Abro o meu livro de notas e leio: «Inconscientemente, dominado pelo entusiasmo, canto Wagner. Visiono o Valhala e as Valquirias a cavalgar por entre núvens.

Vamos avançando e eu me maravilho em crescendo entusiasta».

A corrente escorrega pesadamente levada pela ancora. O navio fundeia e logo dezenas de botes nos rodeiam.

Em terra, na cidade, junto áquela casa que arremeda a Tôrre de Belém, uma multidão enorme aguarda a nossa chegada.

Neste momento divago o olhar sôbre a terra escalvada onde não vejo uma árvore e onde a luz cai directamente.

Uma algazarra lá em baixo faz-me desviar a cabeça.

Torno a contemplar o espectáculo que os creoulos nos oferecem.

Semi-nus, alguns mesmo nus, rapazes de 6 a 14 anos olham-nos gritando: «Tira patrão! Ó senhor?! Joga».

Atiro-lhes uma moeda; outros excursionistas também atiram e, imediatamente, como impelidos por uma mola, êles mergulham o corpo bronzeado, a brilhar.

E depois aparecem debaixo de água, com a moeda entre os dentes, nadando lentamente. A visão tremula sob as ondas.

Vão a sùbir para os botes, retezando os músculos e de novo nos fitam com ansiedade.

Nas profundidades o tubarão espia. «A largo, à largo. Joga patrão».

Pouco a pouco vou desviando o olhar. A esta hora, já passou do meio-dia, o Sol no zenite, ilumina tudo, verticalmente, sem produzir sombras.

É surpreendente o contraste entre o belo azul do Oceano, muito calmo, com o Sol a tremular luzes sôbre as ondas, e o castanho avermelhado da Terra.

E sou feliz porque estou aqui há cêrca de meia-hora a embeber-me de tudo quanto avisto e a sentir o ar, a côr, a luz.

Creoulos, creoulas. Ó Eugénia. Ó Carlos. Bô ê nha crêt-chêu. Dont be jealous.

As raparigas sobem a escada do portaló amparadas pelos rapazes e, logo numa familiaridade convidativa se nos dirigem a sorrir.

Peço-lhes para cantarem uma morna. Aquela rapariga com um vestido verde e uns olhos meigos senta-se ao piano. Um rapaz canta e outros acompanham a bôca fechada. Já eu também entôo a «Laranginha». E eu gosto e peço-lhes para cantarem mais.

São já duas horas da tarde. Vamos para terra. O gasolina vai a passar pelos batelões de carvão e na água acinzentada as medusas de braços compridos deixam-se levar na corrente.

Vamos ao bairro pobre. Um boi muito pequeno puxa mansamente um carro com três vezes o seu tamanho.

Passeamos pelas ruas estreitas de casas térreas onde creoulas passam, com os pequenos a correr atrás.

Sentados nas soleiras das portas, mulatos de carapinha embranquecida baixam a cabeça e murmuram um «Boa tarde» cheio de doçura.

Chegamos a um largo que confina com o jardim público. Até que enfim que vejo árvores!

Alguém da terra me diz «Olha: aqui jogou muitas vezes o Alain Gerbault com êsses miúdos que aí vês».

Fiquei contente por mais uma vez saber que êle gosta de conviver com os simples.

Em nossa volta juntam-se dezenas de miùdinhos esfarrapados que seguem com curiosidade os nossos movimentos, silenciosos e com os olhos muito abertos.

Em breve dispersam chamados pelas mães.

Vamos à enseada da Baleia ou ao vulcão?

A carrinha roda aos solavancos sôbre a estrada poeirenta.

Espalhadas aqui e ali, casas térreas. Naquela costuma o povo dançar a morna à sua maneira.

Sôbre a terra vermelha, um, dois, dez corvos estacionam. Outros voam a crocitar, num bater de asas quási parado.

Avançamos. O tarrafe estende-se com a ramaria inclinada para onde sopra o vento.

Vamos avançando.

De repente, como por encanto, numa volta da estrada, surge o paraíso numa mancha de verdura.

Na ribeira do Manuel Cantante há palmeiras, coqueiros, papaieiras, purgueiras e muitas acácias — árvore de boa sombra.

Oh! verde, maravilhoso verde!

O carro passa veloz. De novo apenas tenho a rocha e o céu.

Entramos no vale do Madeiral. É um vale muito largo em que as encostas da montanha são a pique.

Como nos desaparecemos na grandiosidade severa da paìsagem!

Mas porque é que lhe chamam o vale do Madeiral?!

Indígenas não vejo. Lá ao longe a povoação de casinhas minúsculas. Tudo parece deserto. Apenas uma cabra consegue descobrir alguma herva muito rasteira por entre os campos de calhaus.

E tudo muito sêco, muito árido, muito inhóspito, dando a impressão de que ainda há pouco uma erupção sepultou a ilha sob um manto de cinzas.

Subimos uma colina e ao chegarmos ao cimo, deparamos com o Mar a distância. No céu estendem-se laivos cinzentos de núvens.

As montanhas diminuem de altitude. Só donde em onde pequenas elevações atestam a continuïdade remota da cordilheira.

Ali, junto ao vulcão de Viana, uma mancha amarelada sobressai do castanho da rocha.

Dizem-me serem as areias que do Sahara os ventos trazem em núvens de calor e secura.

Voltamos. Cabelos desgrenhados, faces radiantes de Sol. O vento levanta o pó da estrada e baila com êle e com as pedras.

«Depressa. Temos de ir para o baile que já deve ter começado».

No liceu, uma orquestra creoula toca mornas e modinhas brasileiras. Creoulos, creoulas, europeus; cabelos negros, cabelos castanhos, cabelos loiros deixam-se levar no dôce embalo da morna.

E sempre aquele sorriso meigo, sedutor, pleno de alegria de viver!

«Adeus, adeus». Já o último rebocador se foi e ainda ouço os «Adeus» e vejo os acenos.

O Sol desapareceu a lançar uma alva claridade sôbre as ilhas negras, tornando o Mar um imenso espelho.

Uma noite de espectativa. O que será ámanhã?

Ilha de Santiago. Cidade da Praia. Visão da minha vida. Deslumbra-me o seu perfil junto à janela da casa da Câmara. Lá fora, os ramos de uma árvore em flôr, a brisa faz tremer a folhagem levemente e as sombras passam fugazes no seu rosto.

Vêm-me as lágrimas aos olhos e ali fico, enquanto muita gente passa ao meu lado, subindo e descendo a escadaria. Já não a vejo. Apenas ao longe uma árvore sacode ao vento, as folhas e as flôres. Visão fugitiva. Suave melancolia. Morna.

Os carros passam na estrada ladeada de macissos de purgueira e de campos dum manto verde.

Os indígenas gritam-nos «adeus». A ramaria duma árvore fustiga-nos o rosto.

Uma povoação. Enquanto a camionete modera a marcha para voltar, negras esquálidas assomam às portas das casas, rodeadas da filharada núa e com ventres muito grandes.

Dois negros cobertos de andrajos passam levando à frente dois porcos e em volta, debaixo das purgueiras, meia dúzia de cabras fitam-nos espantadas.

E os negritos vêm até nós com as mãos estendidas a oferecer mamões. Os seus olhos são lindos, muito negros, mas as mães chamam-nos «Ben, ben».

E ali está a miséria.

Oh! tristeza que se espelha nos olhos dêles e nos meus!

A chuva cai, sempre, sempre. A estrada é um lamaçal e a camionete tem que pôr rêdes de ferro nas rodas para não resvalar por alguma ribanceira.

Que diferente o interior! S. Martinho, o oásis no deserto. Nos vales abrigados das lestadas a água escorre da terra e a vegetação cresce, desenvolve-se num ambiente tropical. Mais verde. As bouganvillias pendem dos muros, ramos de fôlhas roxas.

Cortando o ar a passarinha canta como o melro em Portugal. Que côres tão vivas as desta ave. São azues, verdes... e mais?

Cinco negros sobem palmeiras lentamente. Os cocos caiem e nós sorvemo-los com delícia.

Aqui está-se melhor. As mulheres seguem em fila indiana por um carreiro.

Às costas levam uns pretinhos risonhos envolvidos em faixas amarelas e debaixo dos braços as cabaças estão cheias de milho.

*
* *

Fecho os olhos e descanso. Pouco a pouco me dissolvo no nada. Com velocidade incálculavel vogo no espaço com Wegener, o geofísico.

Recuei mil milhões de anos. A Terra é nua e una. A lava derrama-se nos abismos. As montanhas desaparecem para dar lugar a outras montanhas, e nos vales profundos as águas entram desordenadas a formar Oceanos.

Mas o magma contraíu-se; a Terra fragmentou-se e os continentes foram deslisando a flutuar na camada viscosa da profundidade. E as ilhas surgiram do desapêgo brusco das terras da África e da América.

A evolução continúa através do espaço e do tempo. Vêm as plantas a cobrir a Terra e depois Diogo Gomes e a sua gente.

E os negros passam da Guiné para Santiago e daí para o Brasil. E o homem de cá é o homem de lá. Portugal em África, Portugal na América.

Nos tempos das lestadas a água foi-se com a vida. Tudo chora e resa. A tristeza veio com a indolência, os meses passam sem chover e no entanto as nuvens por vezes pairam sobre as montanhas.

Quando em Julho ela vem molhar a terra, troveja feroz a despenhar-se pelos precipícios, saltando os alcantilados, em torrente, arrastando tudo, levando tudo, perdendo tudo no mar.

A chuva cai.

Param as chuvas. Começam os trabalhos e o chão toma outras côres.

Como se está no tempo das laranjas e das brisas, as fogueiras acendem-se e o povo canta. As velhas contam antigas histórias de bruxedos e os rapazes sentam-se em roda e jogam.

Um ê dôs ê gagolina
Pintcha pé na papulina.
O' rapaz que jôgo ê ês
Ês ê jôgo de capão, Manel e João.
Cári, cári, tchapêzinho
Cári, cári, tchapêzão.

Mas o homem destroi a árvore e as cabras sobem aos píncaros e vão aos recessos mais difíceis para colher folhas e rebentos novos.

E como escasseiam as árvores e os arbustos que regularizam as ribeiras e protegem o homem e as culturas, vem o Sol e o vento desnudar a terra e espalhar a morte.

Assim sucede todos os anos. E a gente vai para o Mar. Vem a fome, a doença e a miséria moral que obrigam os homens a emigrar para longe para depois voltarem e encontrarem os seus mortos ou a morrer.

No entanto esta humanidade que sofre tantas privações adopta uma atitude resignada, por vezes melancólica, mas essa atitude não é a dum povo que tende a desaparecer.

Pelo contrário ela é voluntariosa, firme, cheia de esperança num futuro melhor, apesar do fatalismo que por vezes lhes assoma os lábios.

Para êles não escreveu Kipling aqueles versos:

Nations have passed away and left no traces
And History gives the naked cause of it
One single, one reason in all cases.
They fell because their peoples were not fit.

Para os elevar basta a sua imperiosa necessidade do sabêr, basta o seu riquíssimo folclore.

Para lhes suavisar a sua tragédia, para lhes tornar maior a sua alegria, são artistas.

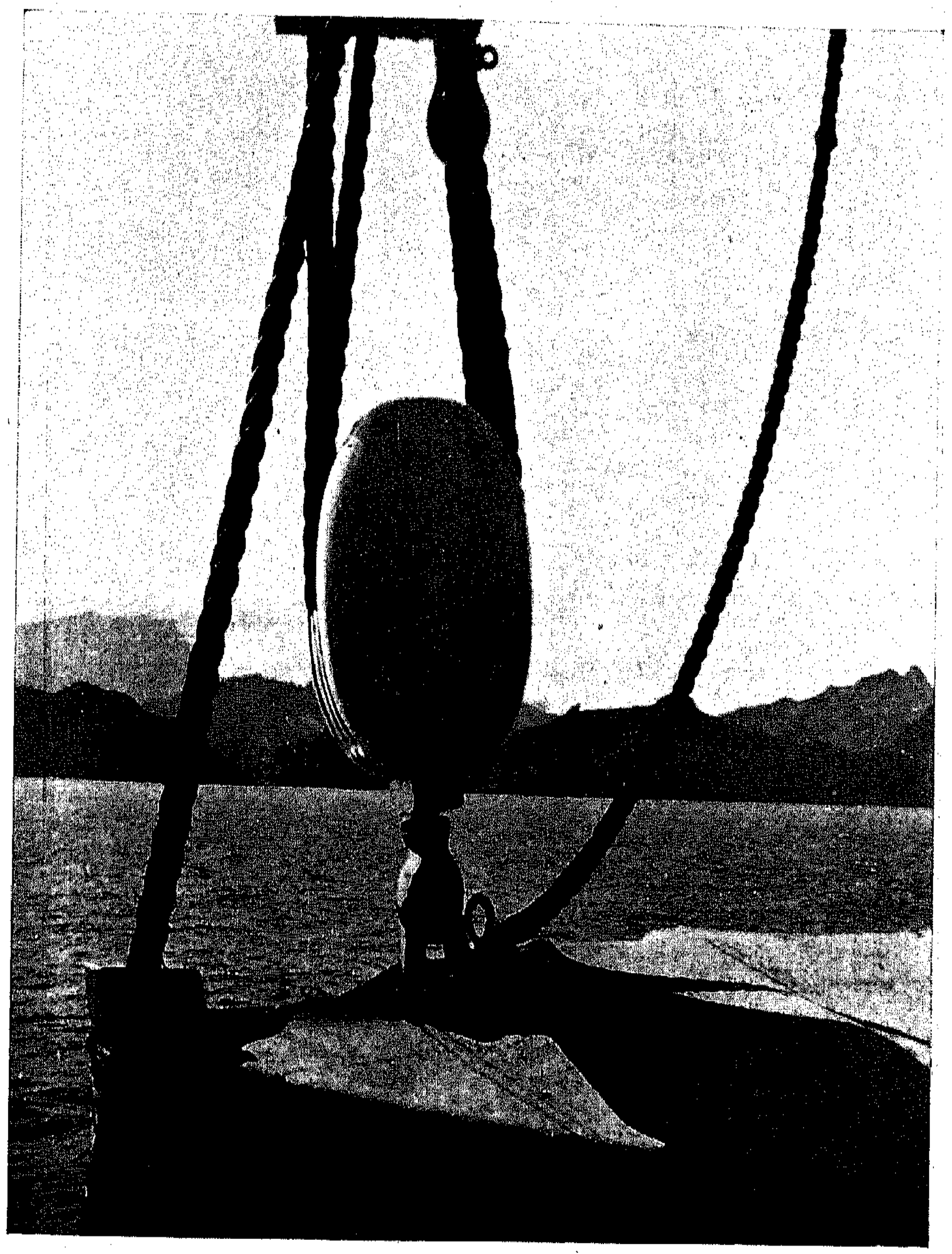
Com o sentido poético e musical bastante desenvolvido compõem pequenos poemas em que o Amôr, a Saüdade e a Natureza se combinam com harmonia; musicam-nas, dão-lhes uma melodia em que há o anseio duma coisa que se quere e é impossível possuir e, compostas as mornas cantam-nas e bailam-nas.

Como poderia eu esquecer a alma caboverdeana?!

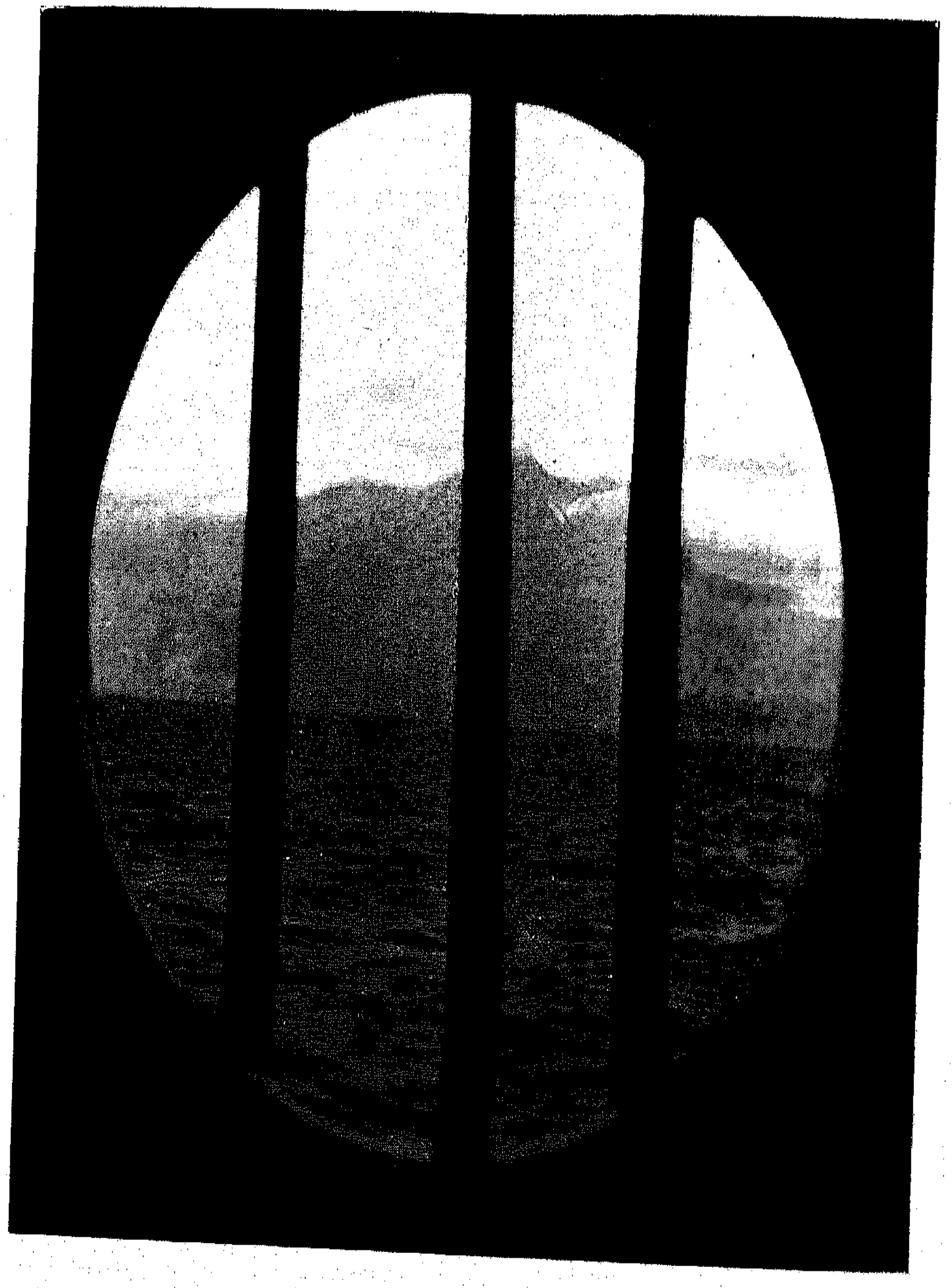
*
* *

As Ilhas desapareceram há muito no horizonte. O luar surgiu através das núvens a abrir um enorme e luminoso leque. Vamos em pleno Oceano. Céu e Mar...

RUI CINATTI VAZ MONTEIRO GOMES

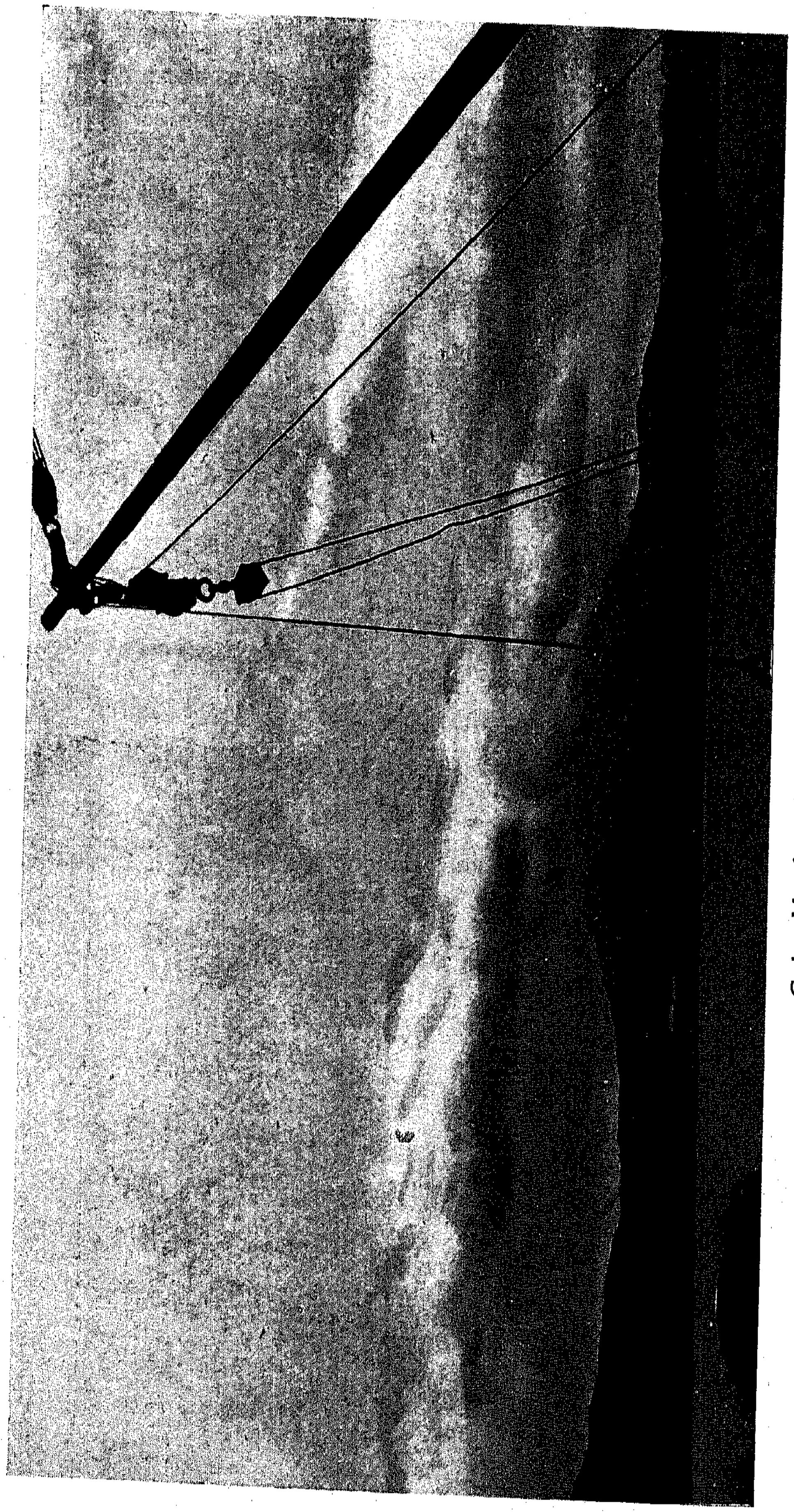


Cabo Verde — Rumo a São Vicente

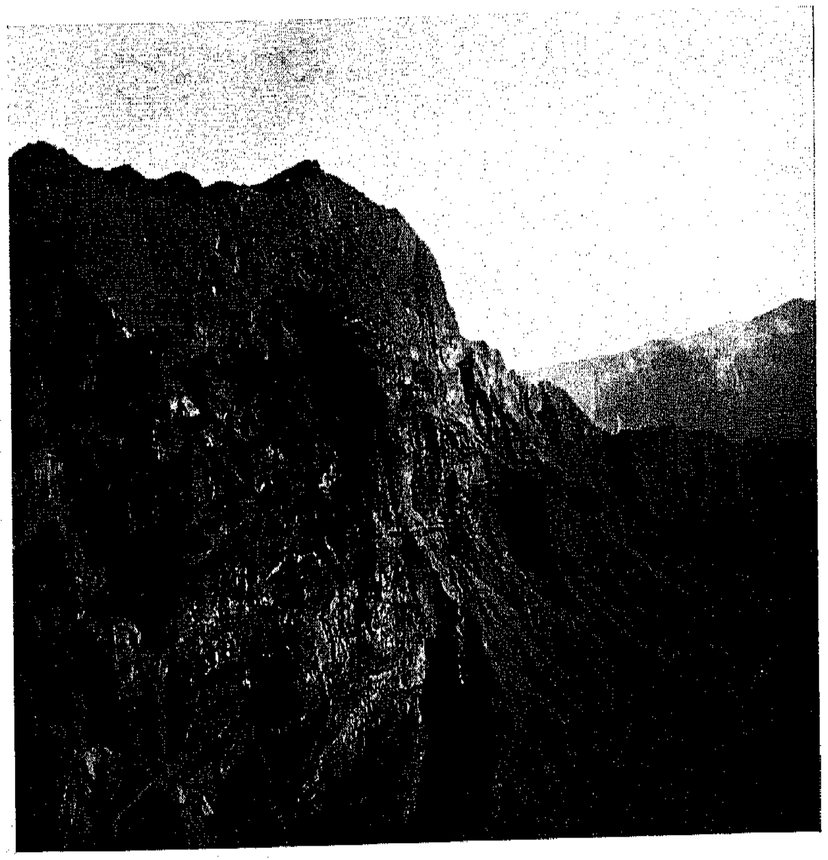


Cabo Verde — Névoa matinal

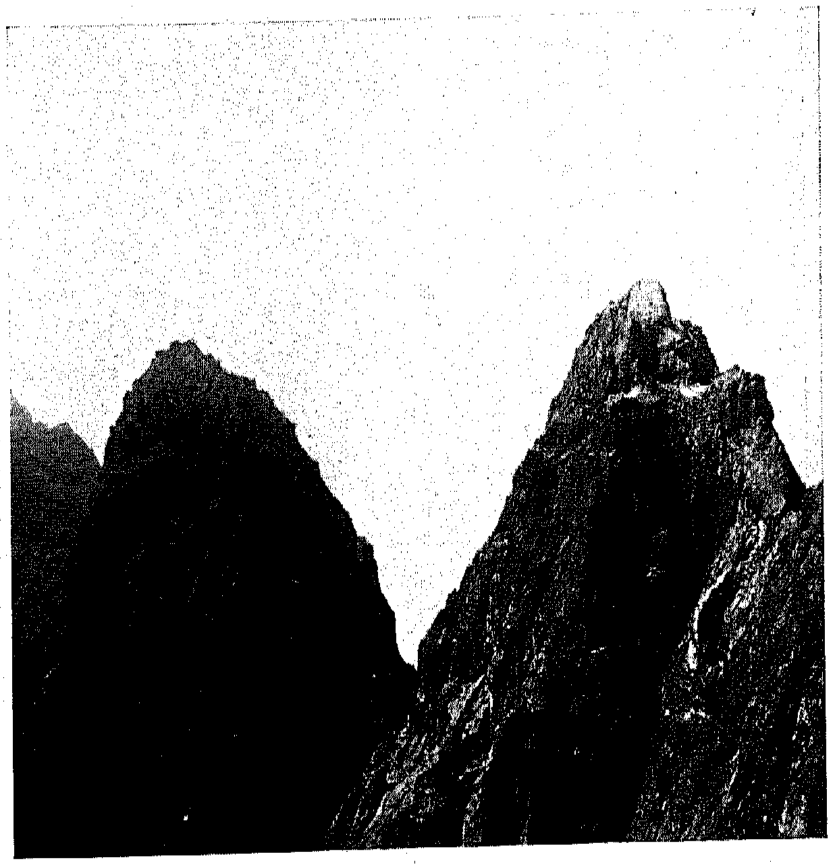
O «Moçambique» na baía de São Vicente



Cabo Verde — Ilha de São Vicente

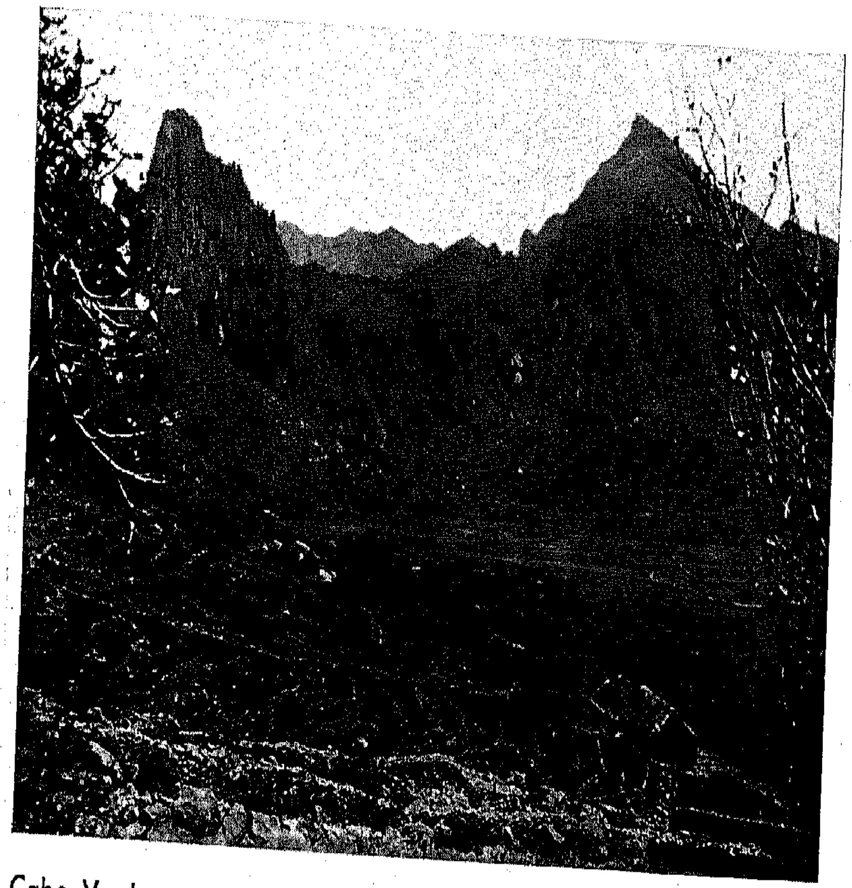


Cabo Verde — Um aspecto da Ilha de Santo Antão



Cabo Verde—Topes «Miguelinho» (1.600 metros) na Ilha de Santo Antão

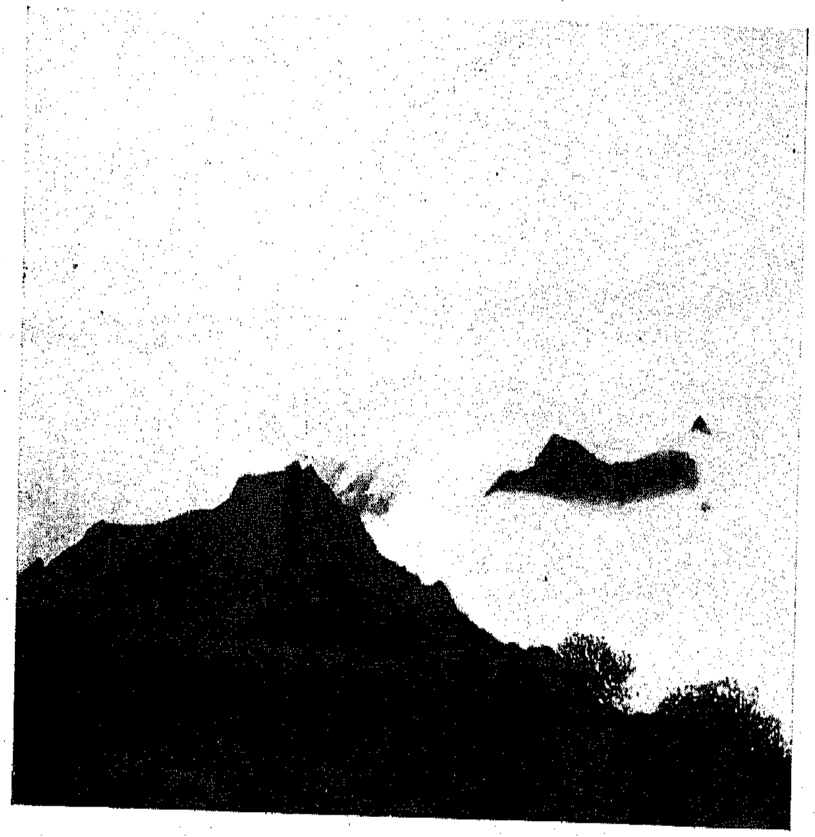
Cabo Verde — Um caminho na Ilha de Santo Antão



Cabo Verde — «Cova», cratera de um vulcão extinto, na Ilha de Santo Antão (1.100 metros)

Cabo Verde — Um caminho na Ilha de São Nicolau

Cabo Verde — Ilha de Santo Antão



Cabo Verde — Ilha de São Nicolau

Cabo Verde — Ilha de São Nicolau

DISCURSO DO GOVERNADOR
DE
CABO VERDE

Acabastes de chegar a Cabo Verde e decerto a vossa observação não deixou escapar a modéstia das galas que exteriorizam o rigozijo pela vossa vinda.

Não se elevaram arcos triunfais de vistosas ornamentações, — que o valor da vossa embaixada e a vossa condição mereciam e exigiam.

Mas, se tanto não o consente a sorte desta terra, aceitai a certeza que viestes encontrar, nos peitos dos que vos esperavam, um sentir que vale, incomparàvelmente, mais do que as vistosas roupagens que à recepção emprestassem luzimento.

Existe, podeis crê-lo! no acolhimento que se vos faz, uma nota funda de sinceridade: — a alegria de vos ver, o prazer espiritual de vos receber, o legítimo orgulho de vos mostrar que aqui, em Cabo Verde, vive um povo lusíada pelo coração, pelos costumes e pela religião; aqui, a nossa raça perpetuou-se como em qualquer rincão das nossas províncias continentais.

A colonização de antanho criou no Arquipélago um povo bem português, amante enternecido da sua Pátria, que, em horas dolorosas de miséria extrema, perante uma condenação da Natureza, implora ao nosso mesmo Deus o lenitivo mitigador da sua sorte — as preciosas gôtas de água que fertilizem o humus desta terra fecunda.

Acabastes de chegar a Santiago, ontem percorrestes S. Vicente; conheceis apenas estas praias do litoral, estas penedias abruptas de aspecto verdadeiramente hórrido. Para lá dêste litoral e destas penedías, esconde-se caprichosamente uma outra terra. É aí verdadeiramente que está a vida destas ilhas. Se o tempo o permitir, tereis ocasião de verificar, como eu o venho de há muito sentindo, que não é utopia pensar na possibilidade de conduzir êste povo para uma felicidade a que tem direito e que, só na terra, na terra trabalhada com o suor do seu rosto, verdadeiramente reside.

Cabo Verde tem vivido até hoje, em grande parte, de actividades exteriores que se reflectem na sua vida económica interna, com alternativas de abundância e de miséria. Chegou o momento — o forçado momento — de o impul-

sionar no sentido de uma actividade local, desentranhando da Terra o que ela pode dar, o que ela deve dar, o que ela tem de dar; corrigindo as condições meteorológicas; criando ao Arquipélago uma vida própria, sem riquezas esplendorosas, por certo, mas garantindo às populações o direito irrecusável de viver dos seus próprios recursos.

Nesta tarefa se empenha a Administração da Colónia — o que se fêz e o que se tenciona fazer encontra-se sobejamente documentado por essas ilhas e explanado nos documentos oficiais. Rasgaram-se e melhoraram-se estradas, cuidou-se, dentro das possibilidades consentidas, do apetrechamento dos portos, tratou-se do saneamento e da assistência, impulsionou-se o mutualismo e a previdência e obteve-se um financeamento indispensável, e por êle vamo-nos empenhar na solução dum problema fundamental — o da produção agrícola.

*

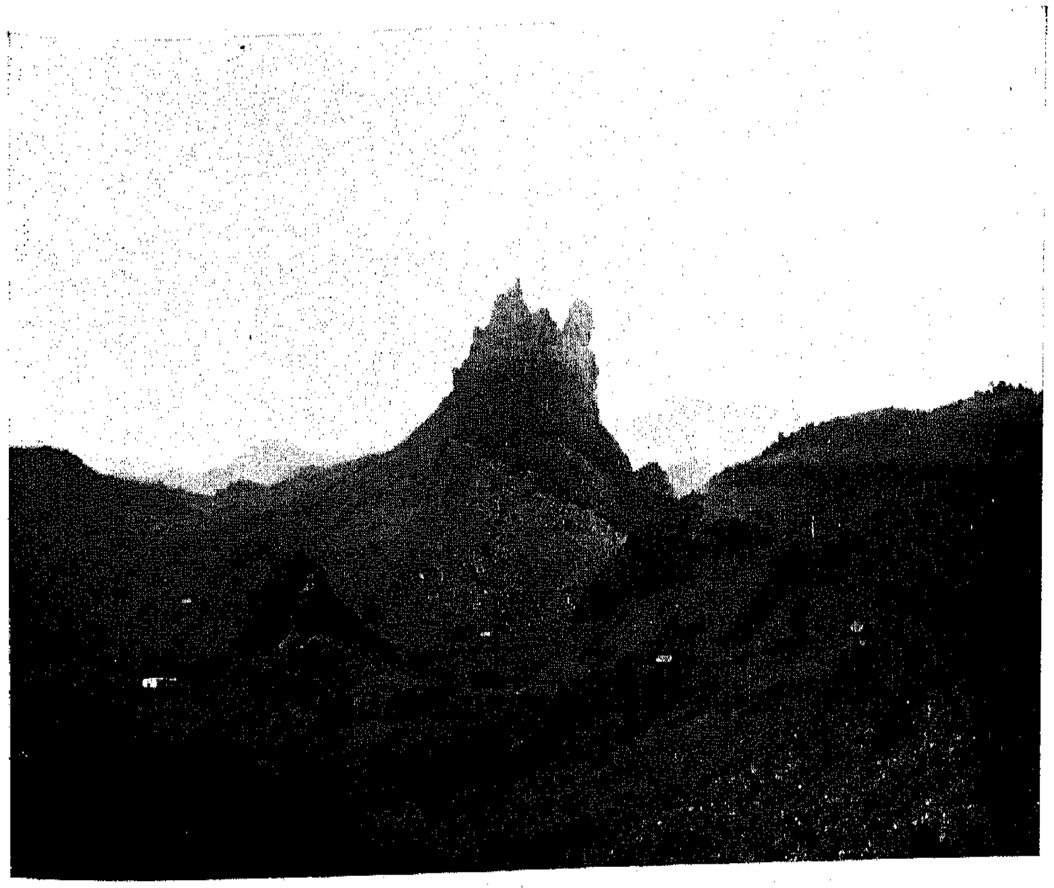
A excursão delineada até a Assomada, onde a vossa caravana vai serpentear uma esplendorosa estrada de montanhas, dar-vos há a demonstração do que afirmo. A riqueza sente-se com os olhos; a vontade que comanda trabalho preme as nossas almas. O Povo, tímido, acolhedor, fidalgo na sua modéstia, exige amor.

*

Quis, requintadamente, Sua Ex.ª o Ministro das Colónias, oferecer a Cabo Verde, aproveitando o lustro da vossa embaixada, um exemplar da nossa maravilhosa epopeia. Recebo-o das vossas mãos, religiosamente. Para Cabo Verde a oferta é simbólica, o seu significado perdurará nos seus naturais. Bem portugueses, amantes da sua Pátria, com a ânsia de se instruir, não olvidarão jámais que a oferta que lhes faz o mais alto magistrado do Império Colonial Português — a da epopeia da nossa Raça — é um repositório magnífico das glórias dum passado que se há-de resgatar valorosamente pelo esfôrço comum dos lusíadas de todas as latitudes, de todas as raças, de todas as côres.

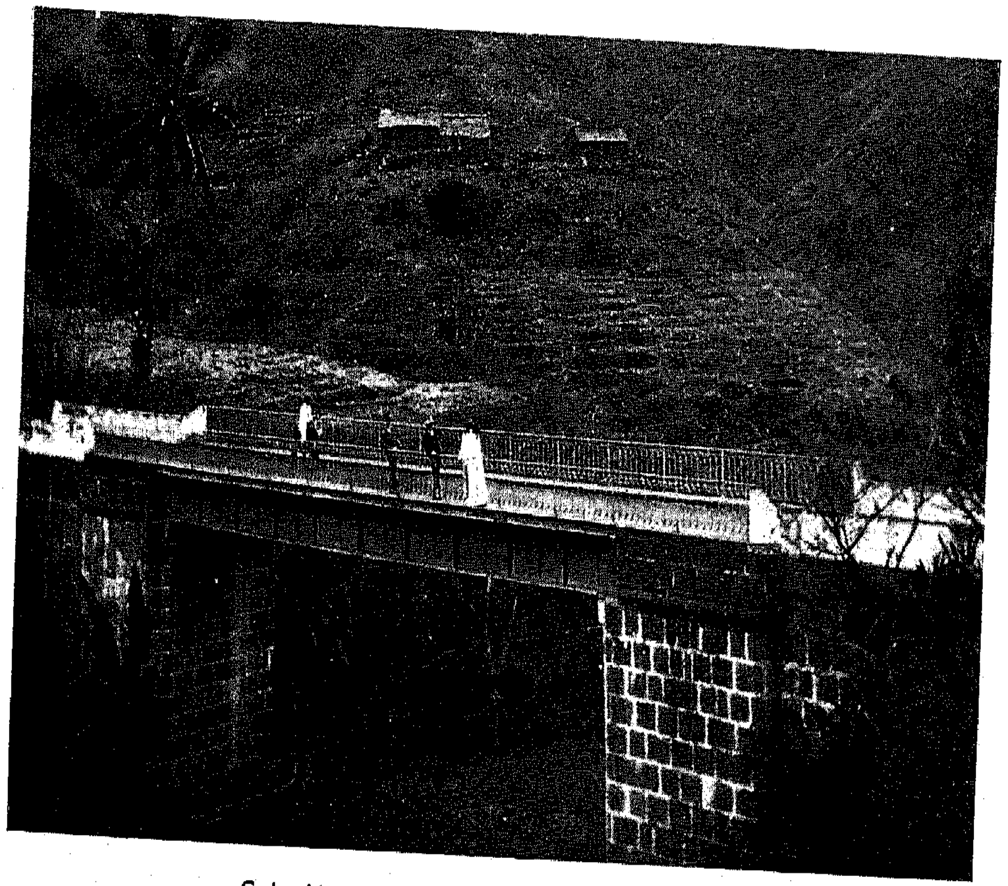
*

Senhores, em nome da Colónia de Cabo Verde vos apresento muitas saüdações, desejando ardente e sinceramente que a finalidade do Cruzeiro de Férias resulte, de facto, aquela lição de História e de Patriotismo que os seus ilustres organizadores, numa lúcida visão da hora que passa, quiseram efectivar e estão realizando. Disse.



Cabo Verde — Busto do Marquês de Pombal na Faveta, Ilha de São Tiago

Cabo Verde — Secagem da piteira na Ilha de São Tiago



Cabo Verde — Ponte de ferro em São Tiago

Cabo Verde — São Tiago, Rua das Bananeiras em São Martinho

Discurso
do
Administrador do Concelho e Presidente
da
Comissão Municipal de S. Vicente

Cabe-me, na minha dupla qualidade de administrador do Concelho e Presidente da Comissão Municipal de S. Vicente, o grato dever e a missão honrosa de apresentar aos ilustres paladinos do I Cruzeiro de Férias às Colónias, em nome de S. Ex.ª o Governador de Cabo Verde e dos habitantes desta Ilha, os meus sinceros cumprimentos de boas-vindas e efusivas saüdações.

É S. Vicente a primeira terra a que aportam os distintos catedráticos e professores da brilhante Embaixada Intelectual, os jóvens estudantes — promessas valiosas de àmanhã, os altos representantes das artes e das ciências de Portugal — a nossa Mãe-Pátria.

V. Ex.as, mensageiros das Boas-Novas da nova cruzada do progresso nacional, penetraram na cidade do Mindelo, evocadora, pela sua denominação, de uma página gloriosa da vitalidade portuguesa.

Nesta rápida passagem por Cabo Verde, terão V. Ex.as ensejo de verificar, em duas das ilhas mais importantes do Arquipélago, cada uma no seu género, as feições mais características do seu povo: — amor intenso à instrução, como o possuem os mais ansiosos do pão do espírito em tôda a Nação; o Pôrto Grande, o mais amplo e freqüentado da Colónia, a-pesar-da crise actual; a cidade mais comercial, industrial e progressiva das ilhas; na de Santiago, apreciarão a mais populosa, a mais extensa, a mais produtiva, com os seus vales amenos e encostas interessantes, que não só a aridez, rochas escarpadas e desolação, que a vista do mar parece incular.

Sobretudo, conhecerão um povo que, verdadeiramente, se deslocou de Portugal, em corpo ou espírito, ou de alma e coração juntamente, e se plantou e difundiu, no decurso de 475 anos, nas nossas ilhas, a proclamar o poder admirável da colonização portuguesa. Porque, Senhoras minhas e meus Senhores, — povoar terras fecundas, explorar mananciais abundantes, civilizar regiões ricas e

florescentes, não é maravilha tamanha como a de, a despeito da natureza ingrata e de adversidades inauditas, erguer padrões de progresso, cultivar vales deleitosos de laranjeiras, de cafezeiros, de bananeiras, de cana sacarina e de outras árvores de frutos úteis, construir cidades, vilas e aldeias, em recantos que exigem amor, dedicação e persistência insuperável!...

Cabo Verde, mais que outro torrão nacional, põe, desta maneira, à prova de real mérito a tenacidade portuguesa.

Assim, quando do seu venturoso regresso ao pátrio lar, ao passo que rememorarem V. Ex.as a exuberante vegetação da Guiné, a esmeralda ridente de S. Tomé e Príncipe, o colosso florestal, agrícola e mineiro de Angola e a Flor Oceânica da Madeira, não se esqueçam de constituir a grande Assembleia de Cruzados das aspirações de todas as possessões nossas e, em especial, das reivindicações de Cabo Verde: o ressurgimento do Pôrto Grande e o desenvolvimento das actividades económicas e espirituais das ilhas.

Dêste modo, o Cruzeiro de Férias às Colónias cumprirá, elevadamente, a sua generosa e patriótica missão, visto que, na discussão dos mais instantes problemas concernentes ao Império Colonial Português, os eminentes professores, activos estudantes e arautos do valor nacional, não deixarão de pesar, favoràvelmente, na balança da legislação ultramarina. As providências adoptadas brilharão com o *saber de experiência feito.*

Irmanados o cérebro metropolitano e os vigorosos membros das Colónias na obra valiosa e triunfal de honrar o espírito português no concurso dos povos mais adiantados, Portugal contribuirá, de novo, largamente, para a grande cultura humana, explorando com mais proveito e utilidade geral as suas terras, superiores a dois milhões e cem quilómetros quadrados, e fazendo progredir mais os seus quinze milhões de habitantes, em vários continentes e ilhas.

Vieram V. Ex.as como embaixadores da comunhão, da espiritualidade, do labor inteligente da Metrópole para com as suas filhas de Além-Mar. Benvindos sejam, pois, tão auspiciosos paladinos da maior batalha da Nação em pról da sua grandeza, porque é tôda inteligência, do coração, da alma da Lusitânia. Abençoados em breve, porque regressarão, assim o esperamos, como os melhores pregoeiros, os mais decididos defensores, os mais bravos cruzados da campanha da valorização portuguesa no Ultramar.

Terminando, formulo os mais calorosos votos pelas felicidades completas de V. Ex.as na sua excursão simpática e magnífica, augurando as maiores prosperidade à Pátria integral: Portugal e ao seu prometedor império temporal e espiritual.

R A Ú L   D U A R T E   S I L V A

DISCURSO

DO

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

DO

CONCELHO DA PRAIA

Exmo Senhor Director do «Cruzeiro de Férias»

Como Presidente da Câmara Municipal do Concelho da Praia, em nome da população que tenho a honra de representar, saúdo em V. Ex.a as Universidades, Academías e Instituïções de Instrução Portuguesas, da Metrópole, os Senhores Professores, Estudantes e mais pessoas da vossa luzida comitiva.

Dou a V. Ex.as as boas vindas, desejando que sejais muito felizes no vosso Cruzeiro.

Tenho esperanças que o Império Português muito terá a lucrar com êsse empreendimento, que dará aos *homens* de *àmanhã* a idea do que sejam as nossas Colónias. Se é certo que quem as visita uma vez, fica com apêgo a elas, isto seria garantia segura de que um dia, quando entrarem na vida pública, exercendo cargos, possìvelmente, até de ministros e de chefes do Estado, Portugal continuaria a ter cada vez mais assegurado o seu bem estar, aumentando dia a dia o seu prestígio, e volvendo às idas eras de grandeza, que a nossa História regista em letras de ouro.

Sentimo-nos honrados em receber V. Ex.as, na ilha de Santiago, que é a maior ilha do Atlântico. Pena é que o tempo não nos permita o projectado passeio à ridente povoação da Assomada, em Santa Catarina. Iríamos, assim, até ao interior, passando por férteis vales plantados de árvores de fruto, onde as ribeiras de águas correntes, deslisam entre a penedia, em doce murmúrio. Passaríamos por encostas lavradas, exuberantes de vegetação, contrastando-se flagrantemente, com as terras áridas do litoral.

Plantas trepadeiras e outras, pendentes dos taludes das estradas, em extensões de dezenas de quilómetros, completamente cobertas de flores garridas, dão,

a quem passa, a impressão de que a Natureza se caprichou em engalanar os caminhos para vos festejar. Sentímos que V. Ex.as não possam visitar todas as nossas ilhas, porque todas elas são interessantes e têm as suas particularidades.

De S. Vicente, trazeis, certamente, a boa impressão da magnificência do seu «Pôrto Grande» que é um dos melhores do Mundo, hoje tão pouco freqüentado pelos vapores que aí afluiam em grande número. Urge fazer o possível para que se melhore a sua precária situação. Santo Antão e S. Nicolau, irmanam-se com Santiago, em beleza dos seus ricos e frondosos vales e no recorte caprichoso das suas alterosas montanhas. Possuem tôda a espécie de árvores de frutos cultivadas na Colónia e uma grande variedade das da Metrópole.

A ilha Brava, é um perfeito jardim. É o casario branco espalhado por entre hortas, pomares e flores.

Sal, Boa-Vista e Maio, não tendo os recursos das outras suas irmãs, são, contudo, interessantes. Têm possibilidades de algumas indústrias que as deixariam ter vida desafogada. Sal, pesca e cerâmica. A hospitalidade do seu povo, o encanto das suas morenas e a dolência das suas mornas, nunca esquecem.

Deixei, propositadamente, a ilha do Fogo para o último lugar, porque é a que mais nos dá nas vistas. Ali se encontra o ponto mais elevado de todo o Território Português. A sua serra gigantesca, com três mil metros de altura, abriga o vulcão famoso que vomitou lavas em tempos recuados e que hoje nos permite chegar até à beira da sua crátera, onde se disfruta um dos espectáculos mais emocionantes da Natureza. No dizer do engenheiro, Sr. Bacelar Bebiano, é um dos mais belos, senão o mais belo do mundo.

Seria um ponto interessante, onde os Senhores Professores e Estudantes, muito teriam com que enriquecer os seus conhecimentos. No Fogo, é onde se colhe o afamado café, que por mais duma vez se tem afirmado ser o melhor do mundo.

Em traços rápidos, falei a V. Ex.as de todas as nossas ilhas. A sua população é, caracterizadamente, boa. Inteligente, dócil e sofredor, o Caboverdeano, tem admiráveis qualidades de trabalho, quando bem dirigido e tratado com urbanidade.

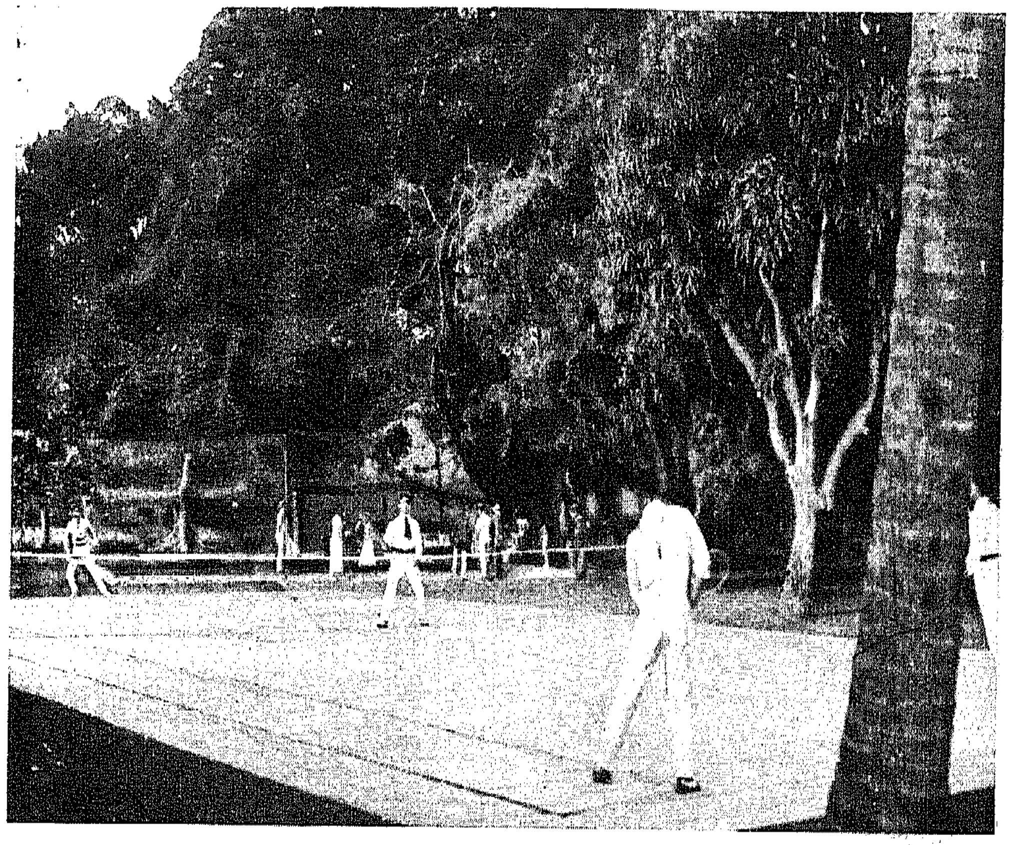
Ama enternecidamente Portugal e orgulha-se da sua História, que é uma das mais belas, senão a mais bela do mundo.

Camões vive nos nossos corações como um símbolo, porque foi quem melhor soube cantar os nossos feitos e as nossas glórias.

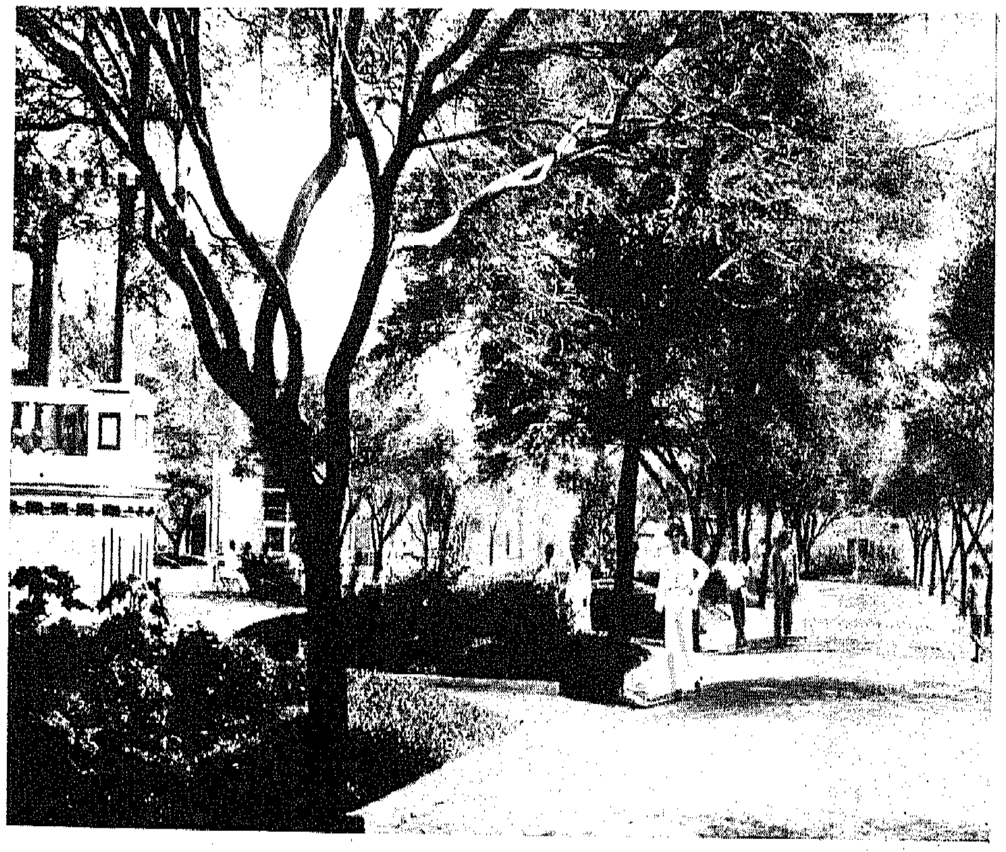
Senhor Director do Cruzeiro de Férias, Senhores Professores e Estudantes! Faço votos pela boa viagem de V. Ex.as e que o vosso regresso à Mãi-Pátria seja triunfal.

Viva Portugal!

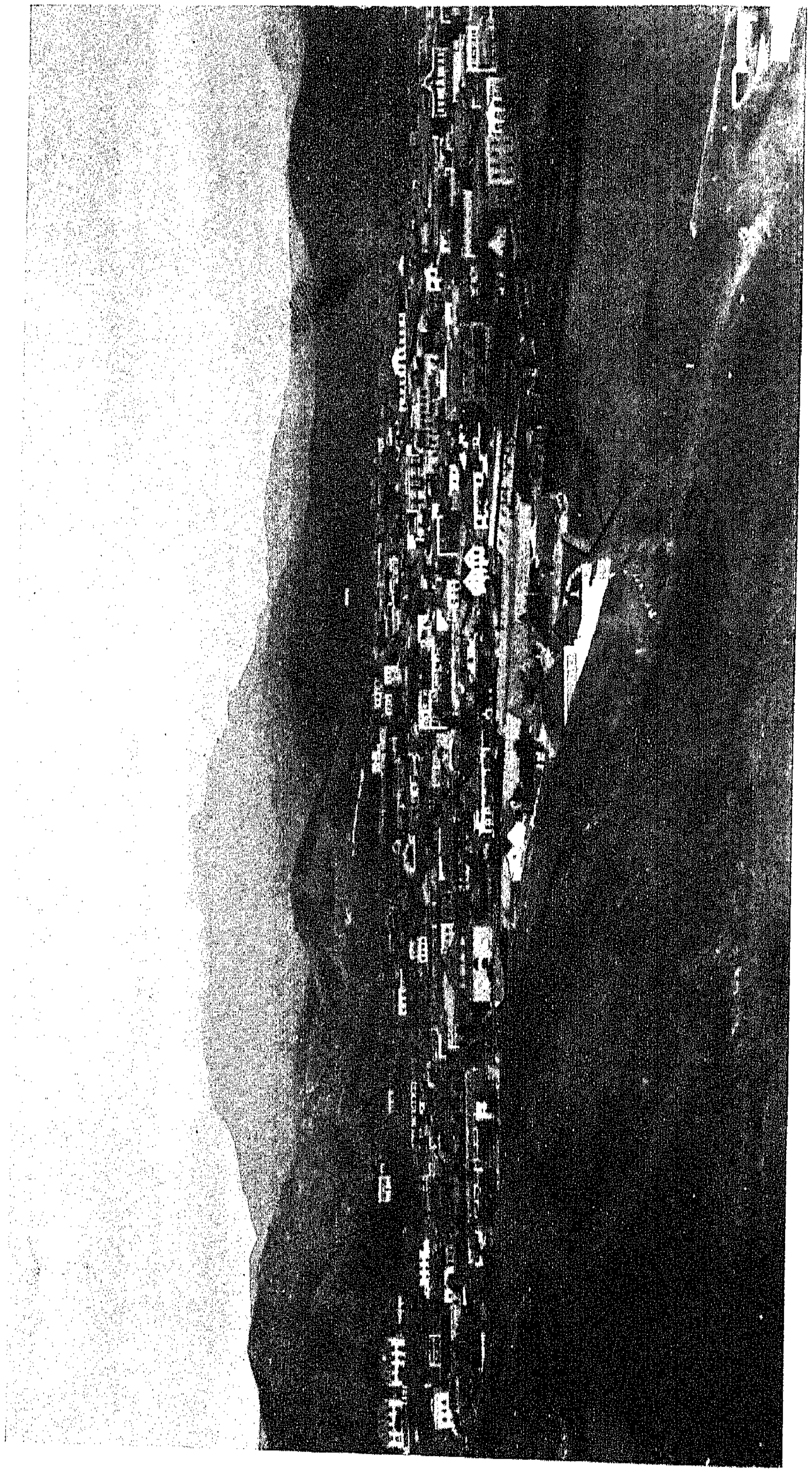
JOÃO DE DEUS TAVARES DE HOMEM



Cabo Verde — «Tenis» da Fazenda, na Praia



Cabo Verde — Uma rua do jardim, na Praia



Cabo Verde — Cidade de São Vicente

entanto, devemos reconhecê-lo, trilhamos já hoje caminho novo, com uma noção diferente da de outros tempos, àcêrca de colónias.

Iniciou-o o Sr. Dr. Armindo Monteiro, então Ministro das Colónias, quando criou o Arquivo Histórico Colonial, quando, mais tarde, encarregou o mesmo Arquivo de publicar uma «Colecção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo» e, a Agência Geral das Colónias, de publicar uma série de relatórios e documentos coloniais de alto valor técnico, a colecção «Pelo Império», e a «Biblioteca Colonial Portuguesa», de que fazem parte os volumes «Conferência dos Governadores Coloniais», «Aires d'Ornelas» e «Mousinho d'Albuquerque», além dos Boletins e Colectanea de Legislação Colonial.

Continuou-o ainda, quando criou a revista «O Mundo Português», e toda esta obra tem presentemente carinhosa seqüência, como o demonstra o cuidado que o actual Ministro das Colónias, Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, põe na sua continuação.

Depois das providências apontadas, é de esperar que surjam as que se referem à da organização da «Bibliografia Colonial Portuguesa», inventariando-se e classificando-se o que sôbre o nosso Império Ultramarino há publicado em obras manuscritas e impressas, não esquecendo o que anda, por assim dizer, perdido em revistas periódicas, e é muitíssimo, de um valôr incalculavel para os estudos coloniais.

*
* *

A Bibliografia Caboverdeana, completa, ainda que curta, não cabe nos estreitos limites das duas páginas que aqui lhe podemos consagrar. Por isso nos limitamos a contribuir com um breve subsídio para o seu conhecimento, em que, sem os rigores de uma classificação bibliográfica, enunciamos alguns dos principais trabalhos publicados, para servirem de fonte de consulta a quem, não podendo perder tempo em árduas investigações bibliográficas, necessite de colher elementos de estudo, para o conhecimento do Arquipélago de Cabo Verde.

A análise da bibliografia Caboverdeana, mostra-nos quanto as ilhas do Arquipélago de Cabo Verde têm prendido a atenção, não só de nacionais como de estrangeiros, que as têm estudado sob vários pontos de vista científicos, e nelas cuidam vêr ora as antigas Hesperidas, ora restos da lendária e poética Atlantida. Uma revelação tambem nos faz: a da existência de uma literatura local, própria de Cabo Verde, ignorada de muita gente — a literatura crioula —, que vive no seu folclore, na sua poesia, filha dos seus próprios nativos que cultivam assim um dos mais curiosos dialectos da língua portuguesa, literatura nossa, portuguesa, que portugueses ignoram no desconhecimento de uma encantadora parcela da sua alma.

Ilhas Crioulas — *Casimiro (Augusto).* s/d. Lisboa. Cadernos Coloniais, n.º 3.

As ilhas Crioulas — *Osório de Oliveira (José).* 1934. Lisboa. Cap. da obra «Psicologia de Portugal e outros ensaios».

Afinidades de Cabo Verde — *Osório de Oliveira (José).* 1934. Lisboa. Cap. da obra «Psicologia de Portugal e outros ensaios».

As ilhas adjacentes de Cabo Verde — *Osório de Oliveira (José).* 1931. Coimbra. Cap. da obra «Geografia Literária».

Cabo Verde Arquipélago da melancolia — *Quintinha (Julião).* 1928. Lisboa. Cap. da obra «Africa Misteriosa» pags. 31 e ss.

Creôlo (O) de Cabo Verde — *Botelho da Costa (Joaquim Vieira)* e *Duarte (Custodio José).* 1886. Lisboa. S. G. L., in Bol. série 6.ª, VI.

Do monogenismo mosaico ao «Sermo vulgaris» — Do romance portugalense ao dialecto crioulo de Cabo Verde. (conferências) — *Cardoso (Pedro Monteiro).* 1934. Porto.

Dialectos (Os) românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América — *Coelho (Adolfo).* S. G. L., in Bol. 1880. III 2.ª série. 1882. VIII 3.ª série. 1886. XII 6.ª série.

Specimen do Dialecto de Cabo Verde — *Neves (Maria Adelaide das).* Cordeiro da Mata (J. R.) Ensaio de Dicionário Kimbundo--português, pag. 13.

Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde — *Brito (Antônio de Paula).* 1887. S. G. L., in Bol., série 7.ª, II.

Arquipélago de Cabo Verde (Algumas considerações sobre a sua gramática) — *Lopes (José).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLV.

Esquisso Ethnográfico da população de Cabo Verde — *Sampaio e Melo (Lopo Vaz de).* 1931--1932. Lisboa. In Anuário da Escola Sup. Colonial. T. XII e XIII pag. 73.

Crioulo e Folclore de Cabo Verde — *Nascimento Moura (Jacinto José do).* Cap. da obra «Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Nacional». Vol. II, pag. 263 e ss. 1934. Porto.

Folclore Caboverdiano — *Cardoso (Pedro).* 1933. Porto. Maranos. — Nota. — A primeira parte consta de uma desenvolvida notícia sôbre o folclore do Arquipélago. A segunda de composições literárias de vários autores.

Através de Santo Antão — *Leite (Mário).* — Nota. — Narrativa de viagem.

Danza di Cuori al Capo Verde (Romanzo Coloniale) *Beccari (Gilberto).* 1935. Firenze.

Diário — *Pedro (António).* 1929. Praia.

Hesperiadas — *Cardoso (Pedro).* 1930. Cabo Verde. Impr. em Famalicão (Portugal).

Hesperitanas (Poesias) — *Lopes (José).* 1933. Lisboa.

Ilha (A) Brava — *Tavares (Eugénio).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. VLV.

Jardim das Hesperides (sonetos) — *Lopes (José).* 1916. Famalicão.

Légende (La) de l'Ile de Fogo — *Lancereau (Félicie).* 1926. — Nota. — Poesias. «La legende de l'Ile de Fogo», refere-se à cratera do vulcão, e a uma lenda ouvida a uma velha de Cabo Verde que lhe contou como a cratera comunica com a Atlantida.

Mornas (cantigas creoulas) — *Tavares (Eugénio).* Com um postfacio de Osório de Oliveira. 1932. Lisboa.

Manijas — *Tavares (Eugénio).* Folheto (Raro).

Paúl — *Lopes (Manuel).* 1932. S. Vicente.

Instrução (A) Publica em Cabo Verde — *Duarte Silva (Adriano).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLV.

Meterieaux pour la France de l'Archipel du Cap Verde — *Rochebrune (Dr. A. A. T. de).* 1831.

Cabo Verde — *Bettencourt Rodrigues (Raimundo Venancio).* 1930. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 48.ª, I, II.

Cabo Verde (conferencia) — *Andrade (Alfredo da Costa).* 1913. Lisboa. S. G. L., in Bol. série 3.ª, II-49.

Cap Vert — *Réclus (Elisée).* Art.º in Geographie Universelle.

Arquipelago (O) de Cabo Verde — *Vasconcelos (Ernesto J. de C. e).* 1921. Lisboa. Cap. da obra «As Colonias Portuguesas» pag. 15 e ss.

Colonia (A) de Cabo Verde — *Almeida (Alexandre de).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLV-67.

Considerações sobre Cabo Verde — *Barjona de Freitas (Antonio Alfredo).* 1905. Lisboa.

Informação sobre a Provincia de Cabo Verde — *Barjona de Freitas (A.).* 1905. Lisboa. S. G. L., in Bol. série 23.ª, I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX.

Memória sobre a provincia das ilhas de Cabo Verde — *Feleciano de Castilho (Dr. José).* 1818. S. A. L., in Jornal.

Monografia sobre a Provincia de Cabo Verde — *Amâncio Gracias (J. B.).*

Subsidios para o conhecimento das ilhas de Cabo Verde — *Friedlaender (Immanuel).* Trad. A. J. Garcia Guerreiro. 1914. Lisboa.

Ilhas (As) de Cabo Verde — *Pimentel Ermitão (Dr. Marcial).* 1934. Rio de Janeiro. Soc. Luzo-Africana, in Bol. IX, X, XI.

Iles (Les) de Cap Vert — *Agência Geral das Colónias.* 1927. Lisboa.

Capverdischen (Die) Inseln — *Greeff (R.).* In Globus, XLII, 9, 39 e 71.

Cape Verd Islands — *Anonimo.* In Handbook prepared under direction of the Historical Section of the Foreign Office. 1920. London.

Ilha (A) de Santo Antão (sumária noticia geral sobre o arquipélago de Cabo Verde) — *Hopffer (F. F.).* 1883. S. G. L., in Bol. série 4.ª, II, III, IV e V.

Estudos sobre a ilha de Santo Antão — *Nogueira Ferrão (Carlos Ribeiro).* 1898. Lisboa.

Ilha (A) de S. Nicolau — *Caetano (J. de S.).* S. G. L., in Bol. série 3.ª V.

Ilha (A) de S. Vicente de Cabo Verde — *Botelho da Costa (Joaquim Vieira).* 1882. Lisboa. S. G. L., in Bol., 2.ª série, II. 3.ª série, II.

Ilha (A) do Sal de Cabo Verde — *Botelho da Costa (Joaquim Vieira).* 1882. Lisboa. S. G. L., in Bol. 3.ª série, II. 4.ª série, VIII.

Madeira, Cabo Verde e Guiné — *Martins (Dr. João Augusto).*

Iles (Les) de l'Afrique — *d'Avesac (M.).*

Apontamentos para a história das ilhas de Cabo Verde — *Leite (Mário).* 1935. Lisboa. S. G. L., in Bol. série 53.ª, VII e VIII.

Ensaios sobre a Estatística das possessões portuguesas — *Lopes de Lima (António José).* 1844. Lisboa.

Subsidio para a Histório de Cabo Verde e Guiné — *Senna Barcelos (Cristiano J. de).* 1899-1913. Lisboa. Ed. Academia das Sciencias de Lisboa, 3 vols.

Subsidios para a História do descobrimento da Guiné e Cabo Verde — *Cortezão (Armando Zuzarte)* 1931. Lisboa. A. G. C., in Bol. LXXVI.

Life (The) of Principe Henry of Portugal, surnamed the Navigator — *Major (Rich. H.)* 1868. London. Ch. XVI; Cape Verde Islands pag. 1460.

Ueber Valentin Fernandez-Alemã — *Schmeller (Dr.).* S. L. N. D., pag. 73.

Relações (As) do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açôres, Madeira e Cabo Verde — *Diogo Gomes.* Versão do latim por Gabriel Pereira. 1900. Lisboa. S. G. L., in Bol. série 17.ª, V.

Tratado dos reinos da Guiné e Cabo Verde — *Alvares de Almeida (André).* 1594.

História do descobrimento e conquista da Guiné — *d'Azurara (Gomes Eanes).*

Navigazioni di Alvise da Cadamosto — *Cadamosto (Luigi).* 1550. Veneza.

Navigationi e Viagi Venetiani 1556-1559 — *Ramusio (N. G. B.).*

Relation d'un voyage fait en 1695 aux Cotes d'Afrique — *Froger.* 1697. Paris.

Private Journal Kept on board H. M. S. Leven, 1820 — *Bartholomeu (Cap.).* G. S. L., in Journal T. IV.

Expedition (L') du Talisman — *Edwards (Milne).* 1883.

Roteiro do Arquipélago de Cabo Verde — *Senna Barcelos (Cristiano J. de).*

Descrição da Costa da Guiné desde Cabo Verde até à Serra da Leôa, com todas as Ilhas e Rios a que os brancos assistentes nela navegam — *Azevedo Coelho (Francisco de).* 1669. Mass. N.os 307 e 309 dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Neure (Die) Kartographie Kapverdischen Inseln — *Bergt (Dr. W.).* 1913.

Voyage fait par ordre du roy en 1768 et 1769, pour éprouver en mer les horloges maritimes inventées par M. Ferdinand Berthoud — *Fleurier (Eveus de)* 1773. Paris. 2 vols.

Subsidios para a corografia da ilha de S. Tiago de Cabo Verde — *Paula e Brito (António de)* 1888-1889. Lisboa. S. G. L., in Bol. série 8.ª, IX e X.

Trabalhos da Missão Geográfica de Cabo Verde — *Baeta Neves (H.).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLV.

Corografia Caboverdeana — *Chelmicki (Jose Conrado Carlos de)* e *Vernhagem (Francisco Adolpho de).* 1841. 2 vols.

Reise nach Senegambien und den Inseln der grienen Vorgebirges — *Brunner (S.).* 1840. Bern.

Essai sur l'evolution des millieux geophisiques et biogeographiques — *Joleand (L.).* 1923.

Correcção Climática das Ilhas de Cabo Verde — *Campos (Ezequiel de).* 1920. Cap. do Livro «A revalorização agrícola da ilha de S. Tomé».

Microclimats (Les) des Iles de Cap Vert et les adaptions de la vegetation — *Chevalier (Auguste).* 1935.

Geologia do Arquipélago de Cabo Verde — *Bacelar Bebiano (J.).* 1922.

Geologia (A) do Arquipélago de Cabo Verde — *Bacelar Bebiano (José).* 1932. Lisboa.

Missão Geológica de Cabo Verde — *Bacelar Bebiano (J.).* 1927. Lisboa. A. G. C. in Bol. XXV.

Alguns trechos do Relatório sobre o reconhecimento geológico da Ilha do Maio, Arquipélago de Cabo Verde — *Bacelar Bebiano (José).* 1932. Lisboa. A. G. C., in Bol. LXXX.

Briefliche Mitteilung uber die Kapverden — *Stübel (A,).* 1853.

Gesteine der Atlantischen Inseln (Deutsch Sud polar Expedition) — *Reinich (R.).* 1901-1903.

Aptychen von der Cap Verdeschen Inseln — *Hennig (M.).* 1903.

Voyage Geologique aux iles de Teneriffe et Fogo (Charles Sainte Claire Deville) — *Duperrey (L.).* 1848. Ms. et rapport a l'Academie des Sciences.

Sur quelqnes roches des iles du Cap Vert — *Renard (A. F.).* A. R. S. B., in Bol. 3-XV.

Vulcões (Os) das Ilhas de Cabo Verde e os seus produtos — *Doelter (Dr. Cornelius).* Trad. Eng.º Ackermann. 1909. Lisboa. S. G. L., in Bol., série 27.ª, II, III, IV, VIII.

Vulcane (Die) der Capverden Inseln und ihre Producte — *Doelter (Dr. Cornelius).*

Situação (A) scientifica do Arquipélago de Cabo Verde — O vulcão do Fogo — Uma das maiores belezas geológicas do Mundo — *Bacelar Bebiano (José).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol., XLV-3.

Ilha (A) do Fogo de Cabo Verde e o seu vulcão — S. G. L., in Bol. série 5.ª, VI.

Explorations sous-marines — *Perrier (Edmond).* 1806. Paris.

Notes sur la paleographie de l'Ocean Atlantique — *Furon (Raymond).* 1935. Paris.

Alcology (The) and deponts of Cape Verde marine fauna — *Crossland (C.).* 1905. London.

Geological observations on Coral reefs, volcanic Islands and on South America — *Darwin (Charles).* 1884. London.

Distribution and Structure of Coral rocks — *Darwin (Charles).* 1884. London.

I Ueber Siphonops thomensis Barbosa du Bocage. II Ueber die Edelkosalle (corallium rubrum) der Capverdischen Inseln — *Greeff (Dr. R.).* 1884. Marburg, 26 pags.

Notes by a naturalist in the challenger — *Moselley.* 1879.

Flore de l'Archipel du Cap Vert — *Chevalier (Auguste).* 1935. Paris.

Flora del Insel St. Vincent — *Krausse.* 1892.

Beitrag zur Flora der Capverdischen Inseln — *Schmidt (J. A.)* 1852. Heidelberg.

Beitrage zur Flora der Capverdischen Inseln — *Schmidt.*

Noticia da Flora de Cabo Verde. Brava e Fogo — *Costa e Andrade (A. da).* 1908. Revista da Missão Agronómica.

Premier aperçu sur la vegetation de l'archipel des Iles de Cap Vert — *Chevalier (Auguste).* 1934.

Aperçu sur la vegatation des Iles de Cap Vert — *Chevalier (August).* 1935.

Herbarii Gorgonei Universitatis Olisiponensis — *Pereira Coutinho (A. X.).* 1914.

Novitiae Florae Caboverdical — *Bolle (C.).* 1835.

Hooker'o Niger Flora — *Webb (P. B.).* 1849. London.

Enumeração de plantas colhidas nas Ilhas de Cabo Verde por J. A. Cardoso Jor. — *Henriques (J. A.).* 1896. S. B., in Bol.

Notes ou plantes collected at St. Vincent — *Moseley (H. N.).* 1875.

Viaggio de Leonardo Fea nell' Africa Occidentale. Contributo alla Flora delle insole del Capo Verde — *Beguinot (P.e Aug.).* 1917. Genova.

Journal of the Voyage of Niger of Dr. J. R. T. Vogel in Niger Flora — *Hoocker (J.).* 1849.

Enumeration of Algae collected of Cap Verde Islands by Moseley — *Dickie*. 1785-1787.

Lichens des Iles Cap Vert recueillis par Aug. Chevalier — *Lesdain (Bouly de)*. 1935.

Criptogamicas das Ilhas de Cabo Verde — *Cardoso Jor. (João)*. 1915. In Broteria.

Nuove specie di graminacae delle Isole del Capo Verde — *Parlatore (F.)*. 1847. Genova.

Culture (La) du Phulgere aux iles de Cap Vert — *Cunha da Silva*. 1934.

Ursela (A) de Cabo Verde — *Feijó (João da Silva)*. 1815.

Arborisação das Ilhas de Cabo Verde — *Guedes Vaz (Coronel)*. 1929. Lisboa. A. G. C., Bol. XLV.

Arborisações (Sobre) de Cabo Verde — *Barros Gomes (Bernardino)*. 1865. Lisboa. Art.º in Diário de Lisboa.

Contribuição para o estudo da arborização florestal de Cabo Verde — *Azevedo Gomes (Mário)*. I. S. A., in An. III.

Exploração agronómica em Cabo Verde e Guiné — *Arpoars (H. de)*. S. G. L., in Bol. série 3.ª, VI.

Notas para o estudo da Fauna fossil do Arquipélago de Cabo Verde — *Sousa Torres (A)*. 1927. Lisboa. A. G. C., in Bol. XXV.

Subsidios para a fauna malacológica do Arquipélago de Cabo Verde — *Nobre (A.)*. S. N., in Ann. I.

Faune malacologique terrestre et fluviatile des iles Cap Vert — *Germain (L.)*. 1926. Paris.

Ichthyologia Caboverdeana (notas africanas) — *Cardoso Jor. (J.)*. A. S. N., in VI.

Notes sur les coleopteres carnivores des Iles de Cap Vert d'aprés les recolts de L. Fea en 1898 — *Alluaerd (Ch.)*. 1925.

Coleopter Hesperidum Coleopterous Insects of Cape Verde Archipelago — *Wallaston (T. Vernon)*. 1867.

Birds of the Cape Verde Islands — *Boyd (Alexander)*. 1898.

Marine (The) Ornithology of Cape Verde — *Cusk (Robert Murphy)*. 1924.

Testacea Atlantic or the land freskweter Shells of Azores, Madeira, Salvages, Cap Verden and Saint-Helena — *Wallaston (T. Vernon)*. 1877. London.

Breve noticia sobre o fomento de Cabo Verde — *Fonseca (João Gomes da)*. 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLV.

Alguns aspectos economicos do arquipélago de Cabo Verde — *Bacelar Bebiano (José)*. 1932. Lisboa. A. G. C., in Bol. LXXXII.

Inquérito... acerca das industrias (de Cabo Verde) — *Fig. de Barros (A. F.)*. 1917. Praia.

Ilhas de Cabo Verde (As) e o Porto de S. Vicente 1926. Lisboa. In revista «Portugal».

Ilha (A) de S. Vicente de Cabo Verde e o seu Porto Grande — *Atilio Leite (Alberto)*. 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLV.

Porto Grande (O) de S. Vicente de Cabo Verde — *d'Almeida (João)*. 19... Lisboa. A. G. C., in Bol. III, IV, V, VI e VII.

Pescadores e Pescarias no Arquipélago de Cabo Verde — *Cardoso Jor. (J.)*. S. N., in An. II.

Mission des Pêcheries de la Côte Occidental d'Afrique. Poissons — *Pellegrin (Dr. Jacques)*. S. Z. F., in Bol. XXX.

Apontamentos (Alguns) sobre a producção do sal do Arquipélago de Cabo Verde — *J. S.* 1927. Lisboa. A. G. C., in Bol. XXV.

Main (La) d'œuvre aux Iles de Cabo Verde — *Paula Cid (Francisco de)*. 1914. Londres.

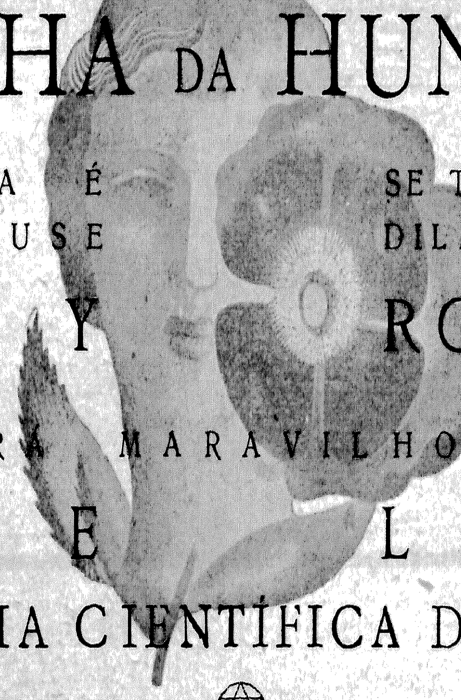
F L O R Ê N C I O   J . S . P I R E S

INFORMADOR

COMERCIAL E INDUSTRIAL

«O Mundo Português» chama a atenção dos seus leitores p.ª as páginas de informação permanente em que numa rápida consulta lhes proporcionam o conhecimento das casas que lhes interessam para as suas transacções da vida cotidiana.

Banco de Angola—R. da Prata, N.º 10-22. Banco Emissor de Angola. Todas as transacções bancárias	**Papéis** Os melhores do mercado são os da Companhia do Papel do Prado!... Fábricas no Prado, Louzan, Albergaria-a-Velha. Escritórios: Rua dos Fanqueiros, 270-278 / Lisboa
Companhia Colonial de Navegação - Carreiras rápidas para as Colónias Portuguesas. Rua Instituto Virgílio Machado, 14 / Lisboa	**Companhia Nacional de Navegação** - Carreiras rápidas para as colónias da Africa Oriental e Ocidental Portuguesa. R. do Comércio, 85 / Telef. 23021 / Lisboa.
Chapéus de feltro merino e lã grossa. — Fabrico especial de «A Social» de Francisco Leite Soares de Rezende / Arrifana. Vale do Vouga / Telefone 5	**Chapéus** e feltros para senhoras e homens. Nunes da Cunha & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegr.: «Condestável» / Telefone: 42
Comércio Geral — A. Henriques & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegráfico: «Fabtriunfo» / Telefone 25	**Côlchas** e atoalhados da Fábr. de Tecidos de S. Miguel, são os que mais garantias oferecem. Pedidos a Aristeu, Lopes & Oliveira, Lda. / Guimarães / Telefone 25
Ourivesaria Aliança / Celestino da Motta Mesquita. Oficina de Ourivesaria, Joalharia, Pratarias cinzeladas, etc. / R. das Flores, 191 a 211 / Tel. 1541 / Teleg. «Joias» / Pôrto	**Telha e Tijolos** de todas as qualidades. Vendem: Companhia Cerâmica das Devezas / Telefone 252. VILA NOVA DE GAIA
Lusalite. Fibro-cimento nacional. Chapas Onduladas e Lisas. Tubos para todos os serviços. Corporação Mercantil Portuguesa, Lda. — Rua do Alecrim, 10 — Lisboa.	**A Sedaria** de M. Alves Ribeiro em Cta. Fábrica de tecidos de seda. Rua Anibal Patricio, 410. Porto. Telefone 1533
Artigos Fotográficos. Tudo para fotografia e cinematografia. Trabalhos para amadores. Películas e chapas Perutz. Enviam-se catálogos. ROIZ, LDA. R. Nova do Almada, 84 — Telef. 24670 — Lisboa.	**Casa Africana** R. Augusta — Lisboa. R. 31 de Janeiro-Porto. Tecidos - Malhas para Senhoras - Alfaiataria de Homens e Rapazes - Malhas e Meias, etc. - Tudo para vestuário.
Fábrica das Antas Rua da Vigorosa, 654-Porto. Telefone 972. As maiores instalações do país para o fabrico de arame farpado e rede de arame. Malhas de ferro para cimento armado e estuques. Pregaria, etc.	**Sociedade Comercial A. Freitas & Gameiro, Lda.** — Engenharia. Armamento e Munições // Material aeronáutico. Séde social — Rua do Arsenal, 148, 2.º Telefone 26245 — Lisboa — Teleg. Torpedo
A Alumínia, Lda. Rua da Pastelaria, 219 — Porto. Telefone 21 - Foz. Fundada em 1902. Louça de alumínio. A mais económica. A mais higiénica. Marca «TREVO»	**Fosforeira Portuguesa.** Séde / Lisboa. Rua Garrett, 62. Fósforos para consumo nacional e coloniais (fósforos de exportação) // Fábrica em Espinho. Delegação / Porto / Avenida dos Aliados, 9, 1.º



SE V. EX.ª TEM A PELE NORMAL USE OS PRODUTOS

RAINHA DA HUNGRIA

SE ELA É OLEOSA USE **OLY**

SE TEM OS POROS DILATADOS USE **ROSIPOR**

E FICARÁ MARAVILHOSAMENTE **BELA**

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

M.ª CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

LEIAM

TODOS OS SABADOS

«A VERDADE»

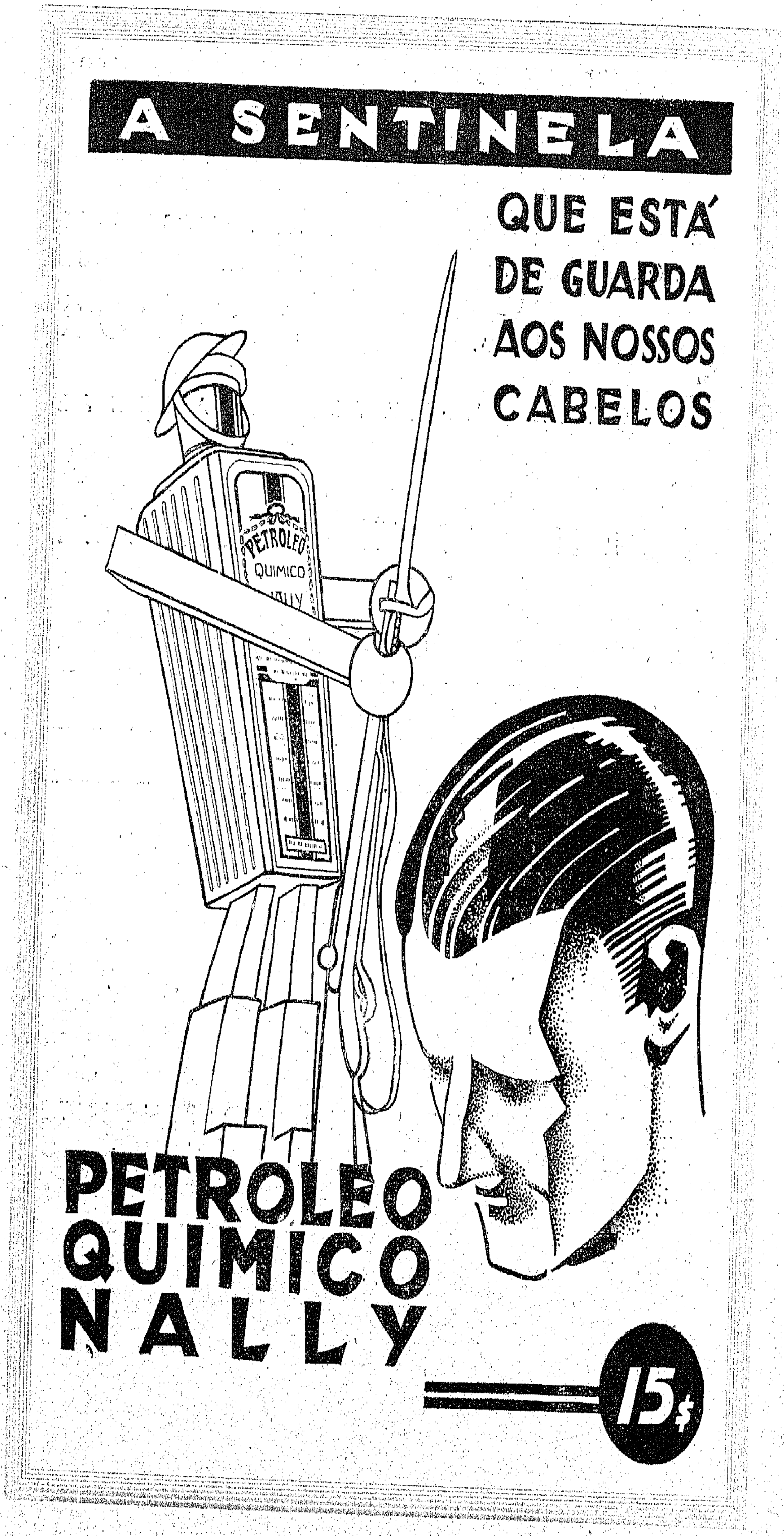
SEMANÁRIO REPUBLICANO INDEPENDENTE

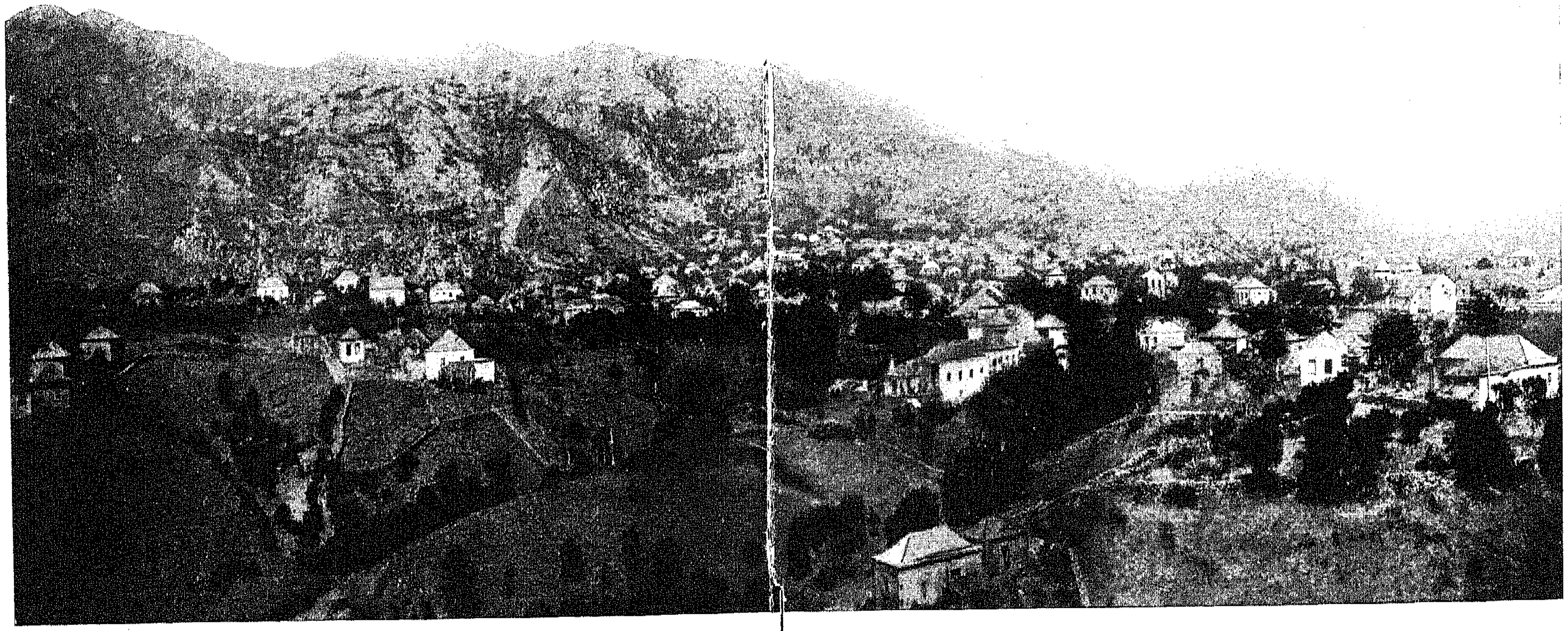
DIRECTOR: COSTA BROCHADO

GRANDE BATALHADOR DO ESTADO NOVO

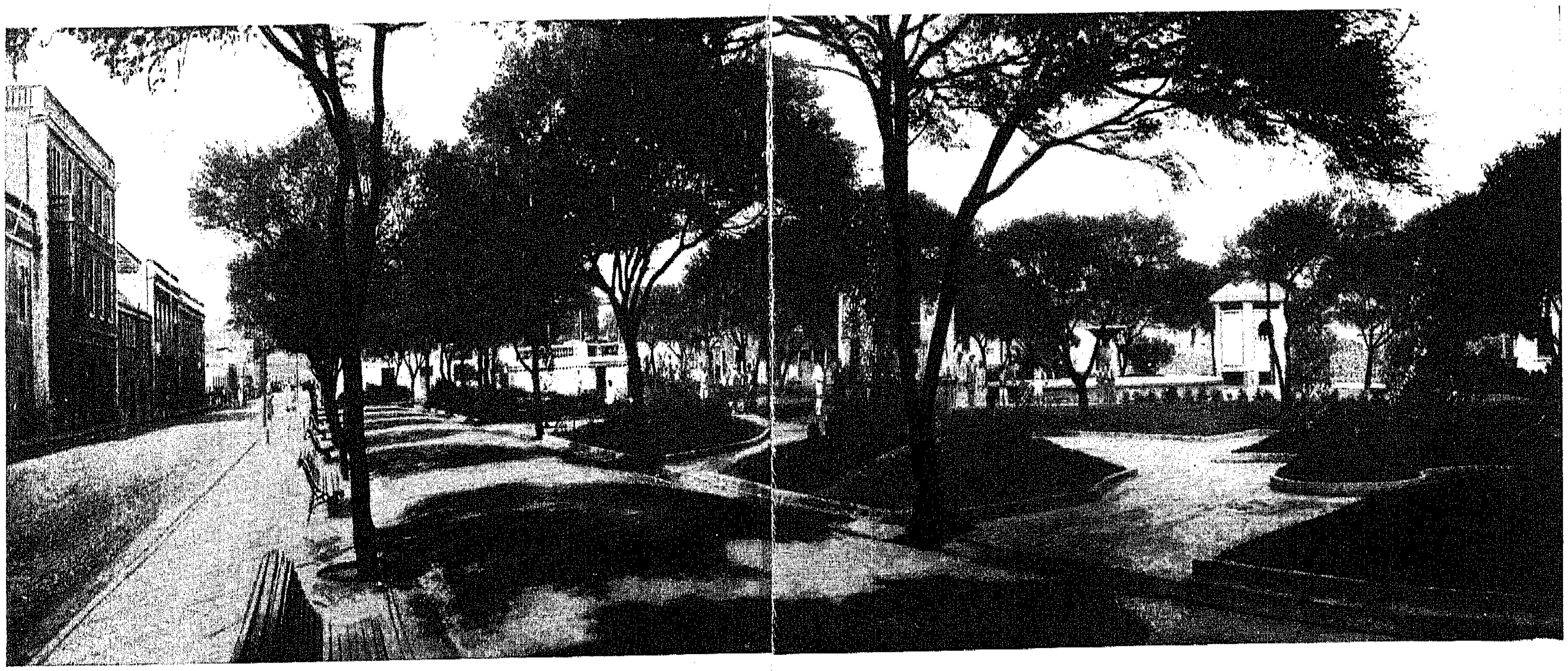
JORNAL DE MAIOR EXPANSÃO EM TODO O PAÍS

RED. E ADMINISTRAÇÃO / P. LUÍS DE CAMÕES, 22, 2.º, DT. / LISBOA


A SENTINELA
QUE ESTÁ
DE GUARDA
AOS NOSSOS
CABELOS
PETROLEO
QUIMICO
PETROLEO
QUIMICO
NALLY
15$



Cabo Verde — Povoação (Ilha da Brava)



Cabo Verde — Praça Cidade da Praia

BIBLIOGRAFIA
COLONIAL
PORTUGUESA

SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA CABOVERDIANA

Cada vez se torna mais necessário que a Bibliografia Colonial Portuguesa, — enriquecida dia a dia com novos trabalhos, — se organise por forma a tornar-se fácil elemento de consulta para o estudo das momentosas questões referentes às nossas colónias, e propaganda da literatura portuguesa que encontra os seus motivos de belesa e de criação artística nos nossos vastos domínios de Além-mar.

Nada há feito ainda, entre nós, neste campo da erudição. E a revista «O Mundo Português» se, pela natureza da sua actividade cultural, o não pode fazer também, não deixará, contudo, de apontar, de agitar, de fornecer quaisquer elementos para a consecução de um trabalho que urge seja organizado metòdicamente, e para o qual existe material de sobra para uma actividade de longos anos. A necessidade de uma bibliografia colonial portuguesa, que já sentimos várias vezes, vêmo-la agora mesmo apontada pelo sr. Conde de Penha Garcia, na sua tése «Breves considerações sôbre a organisação de uma bibliografia colonial portuguesa», apresentada ao Congresso Colonial Nacional de 1901, que termina com três conclusões, duas das quais são:

1.º — Que o Congresso tome a iniciativa de nomear uma comissão que se encarregue de organizar ou fazer organizar a parte retrospectiva da bibliografia colonial portuguesa:

2.º — Que a Sociedade de Geografia que tantos serviços tem prestado ao país nas questões coloniais, tome parte naquele trabalho e se encarregue da sua publicação, bem como da organização e publicação regular da parte periódica da bibliografia colonial portuguesa.»

Destas conclusões não conhecemos resultados nenhuns, os elementos continuam dispersos e desconhecidos apesar de muitos e valiosos, imprescíndiveis no domínio da erudição e da propaganda das nossas colónias.

Devemos dizer, porém, que existe, publicada e referente a Angola, uma metódica bibliografia colonial portuguesa; a «Bibliographie de l'Angola» (Bibliotheca Angolensis, 1500-1910), por Paul Borchardt, editada em Bruxelas, com mais de 700 referências, e que uma tentativa de bibliografia das colónias se encontra paralisada, para a qual estão organisados perto de 2.000 verbetes sobre Angola, não a continuando por falta de tempo, o seu organisador que tem necessidade de empregar a sua actividade noutros trabalhos cotidianos.

Não estranhamos que as coisas sejam assim nos campos da nossa erudição, cultura e propaganda do espírito colonial. — Pois, onde possuímos, nós, uma biblioteca da especialidade como o exige um país de vastos domínios ultramarinos? No